

FRANCISCO ERIC VALE DE SOUSA
organizador



reflexões sobre
**QUESTÕES
DE GÊNERO**

nas aulas
de educação
física
escolar

FRANCISCO ERIC VALE DE SOUSA
organizador

reflexões sobre
**QUESTÕES
DE GÊNERO**

nas aulas
de educação
física
escolar

2019 | São Paulo |



Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados

Copyright do texto © 2019 os autores e as autoras

Copyright da edição © 2019 Pimenta Cultural

Esta obra é licenciada por uma *Licença Creative Commons: by-nc-nd*. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural pelo autor para esta obra. Qualquer parte ou a totalidade do conteúdo desta publicação pode ser reproduzida ou compartilhada. O conteúdo publicado é de inteira responsabilidade do autor, não representando a posição oficial da Pimenta Cultural.

Comissão Editorial Científica

Alaim Souza Neto, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Alexandre Antonio Timbane, Universidade de Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira, Brasil
Alexandre Silva Santos Filho, Universidade Federal do Pará, Brasil
Aline Corso, Faculdade Cenecista de Bento Gonçalves, Brasil
André Gobbo, Universidade Federal de Santa Catarina e Faculdade Avantis, Brasil
Andressa Wiebusch, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Andreza Regina Lopes da Silva, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Angela Maria Farah, Centro Universitário de União da Vitória, Brasil
Anísio Batista Pereira, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Arthur Vianna Ferreira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Beatriz Braga Bezerra, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Bernadette Beber, Faculdade Avantis, Brasil
Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos, Universidade do Vale do Itajaí, Brasil
Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Cleonice de Fátima Martins, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil
Daniele Cristine Rodrigues, Universidade de São Paulo, Brasil
Dayse Sampaio Lopes Borges, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro, Brasil
Delton Aparecido Felipe, Universidade Estadual do Paraná, Brasil
Dorama de Miranda Carvalho, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Elena Maria Mallmann, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Elisiane Borges leal, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Elizabeth de Paula Pacheco, Instituto Federal de Goiás, Brasil
Emanuel Cesar Pires Assis, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
Francisca de Assiz Carvalho, Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil
Gracy Cristina Astolpho Duarte, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Handerson Leylton Costa Damasceno, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Heloisa Candello, IBM Research Brazil, IBM BRASIL, Brasil
Inara Antunes Vieira Willerding, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Jacqueline de Castro Rimá, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Jeane Carla Oliveira de Melo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Maranhão, Brasil



Jeronimo Becker Flores, Pontifício Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Joelson Alves Onofre, Universidade Estadual de Feira de Santana, Brasil
Joselia Maria Neves, Portugal, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal
Júlia Carolina da Costa Santos, Universidade Estadual do Maro Grosso do Sul, Brasil
Juliana da Silva Paiva, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba, Brasil
Kamil Giglio, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Laionel Vieira da Silva, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Lidia Oliveira, Universidade de Aveiro, Portugal
Ligia Stella Baptista Correia, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Luan Gomes dos Santos de Oliveira, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Lucas Rodrigues Lopes, Faculdade de Tecnologia de Mogi Mirim, Brasil
Luciene Correia Santos de Oliveira Luz, Universidade Federal de Goiás; Instituto Federal de Goiás., Brasil
Lucimara Rett, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Marcio Bernardino Sirino, Universidade Castelo Branco, Brasil
Marcio Duarte, Faculdades FACCAT, Brasil
Marcos dos Reis Batista, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Brasil
Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de Oliveira, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Maribel Santos Miranda-Pinto, Instituto de Educação da Universidade do Minho, Portugal
Marília Matos Gonçalves, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Marina A. E. Negri, Universidade de São Paulo, Brasil
Marta Cristina Goulart Braga, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Michele Marcelo Silva Bortolai, Universidade de São Paulo, Brasil
Midierson Maia, Universidade de São Paulo, Brasil
Patrícia Biegging, Universidade de São Paulo, Brasil
Patrícia Flavia Mota, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Patrícia Mara de Carvalho Costa Leite, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Patrícia Oliveira, Universidade de Aveiro, Portugal
Ramofly Ramofly Bicalho, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Rarielle Rodrigues Lima, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Raul Inácio Busarello, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Ricardo Luiz de Bittencourt, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil
Rita Oliveira, Universidade de Aveiro, Portugal
Rosane de Fatima Antunes Obregon, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Samuel Pompeo, Universidade Estadual Paulista, Brasil
Tadeu João Ribeiro Baptista, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Tarcísio Vanzin, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Thais Karina Souza do Nascimento, Universidade Federal Do Pará, Brasil
Thiago Barbosa Soares, Instituto Federal Fluminense, Brasil
Valdemar Valente Júnior, Universidade Castelo Branco, Brasil
Vania Ribas Ulbricht, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Wellton da Silva de Fátima, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Wilder Kleber Fernandes de Santana, Universidade Federal da Paraíba, Brasil



Direção Editorial Patricia Biegling
Raul Inácio Busarello

Diretor de sistemas Marcelo Eyng

Diretor de criação Raul Inácio Busarello

Assistente de arte Ligia Andrade Machado

Editoração eletrônica

Imagens da capa Designed by Freepik

Editora executiva Patricia Biegling

Revisão Organizador

Organizador Francisco Eric Vale de Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexões sobre questões de gênero nas aulas de Educação Física Escolar. Francisco Eric Vale de Sousa - organizador. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. 100p..

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-7221-064-5 (eBook)

1. Educação física. 2. Gênero. 3. Discurso. 4. Discente. 5. Ensino médio. 6. Escola pública. I. Souza, Francisco Eric Vale de. II. Título.

CDU: 37.03
CDD: 373

DOI: 10.31560/pimentacultural/2019.645





"O exemplo impressiona muito mais o espírito e o coração do que as palavras".

(São João Batista De La Salle)

AGRADECIMENTOS

Deus, tu és o meu único e eterno amor. Agradeço imensamente pelas tuas maravilhas e por tantos milagres. Meus agradecimentos também são a Nossa Senhora de Fátima, por tantas vezes interceder pelos meus projetos de vida e por está presente sempre. Obrigado minha mãe por levar junto a Deus os meus objetivos e sonhos.

Agradeço imensamente a professora Dra. Tânia Vieira Sampaio por me apresentar os primeiros textos e por me proporcionar debates acerca dos estudos sobre gênero. Você foi e continua sendo a minha inspiração.

A professora Dra. Gislane Melo que também me inspirou a discutir questões de gênero. Os artigos e tantas conversas nos corredores da Universidade Católica de Brasília – UCB, me impulsionaram a buscar mais matérias e a defender com unhas e dentes uma educação física escolar sem rosto e sem sexo.

Agradeço aos meus alunos autores desse lindo trabalho, que aceitaram o desafio de pesquisar sobre a temática em questão e por quebrarem preconceitos e levantarem a bandeira de igualdade e acesso a todos a uma educação física não excludente.



SUMÁRIO

PREFÁCIO..... 8

Capítulo 1

O FUTEBOL NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA: ANÁLISE
DAS OPINIÕES DE MENINOS
QUANTO A PARTICIPAÇÃO ATIVA
DAS MENINAS NESSE DESPORTO..... 12

Maria Ysadora Lopes da Silva

Giérison Brenno Borges Lima

Ermani Eugênio dos Santos Neto

Francisco Eric Vale de Sousa

Capítulo 2

QUESTÕES DE GÊNERO NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM BATE PAPO
SOBRE O ASSUNTO COM DISCENTES
DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA
PÚBLICA DA CIDADE DE PEDREIRAS – MA..... 25

Francisca Milena de Brito Santos

Geciane Eufrasio Cardoso

Francisco Eric Vale de Sousa

Capítulo 3

QUESTÕES DE GÊNERO NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DISCURSOS
DE MENINOS E MENINAS DE UMA
ESCOLA PÚBLICA DE PEDREIRAS - MA..... 63

Danrlei Teixeira Rodrigues da Cruz

Lucas Freitas Brito

Francisco Eric Vale de Sousa

SOBRE O ORGANIZADOR..... 98

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS..... 99



PREFÁCIO

Escrever um livro é um convite aberto para socializar saberes adquiridos ao longo do tempo, com a convicção de que as experiências vividas foram construídas a partir do compromisso social da docência com decência, parafraseando Paulo Freire. Redigir um prefácio requer gratidão pela confiança dispensada e ao mesmo tempo uma sensação de plenitude em despertar a curiosidade inicial dos(as) leitores(as) para a mensagem que ainda será apresentada nas páginas seguintes. Tarefa simples em se tratando de uma obra tão especial, elaborada com o olhar de quem (re)significa cotidianamente seu ensino ao criar possibilidades reais na e para a produção/construção do conhecimento na área da Educação Física Escolar.

O organizador deste livro, professor Francisco Eric Vale de Sousa, com sua exímia competência orientou e reuniu pesquisas que instigam reflexões sobre as questões de gênero nas aulas de Educação Física. Mas o que seriam as chamadas “questões de gênero” nas aulas de Educação Física? Com uma linguagem objetiva, atual e pertinente nos insere em um cenário imbricado de situações recorrentes nos dias atuais ao elucidar narrativas que limitam a amplitude da cultura corporal desenvolvida nas escolas, inviabilizando o direito ao acesso do conhecimento aos(as) alunos(as). Assim, tendo como base sua docência no Ensino Superior e o horizonte avistado nas práticas pedagógicas significativas na Educação Física, conduziu uma produção científica alicerçada na pluralidade e equidade de oportunidades de forma a democratizar o acesso ao universo dos saberes, bem como seus sentidos e significados no âmbito escolar.

A Educação Física é uma prática pedagógica que surge de necessidades sociais concretas em diferentes momentos históricos e que revelam uma variedade de entendimentos acerca das suas características e funções. Tradicionalmente, sabemos que esta iniciou sua trajetória como componente curricular com aporte sexista, com evidências tanto no processo de formação do futuro



professor, conforme observado nos currículos de 1939 e 1945 em que havia um programa de disciplinas diferenciados para o sexo feminino e masculino, assim como em algumas disciplinas que eram ministradas para o público feminino, na qual deveriam ser regidas por professoras e assistentes do mesmo sexo. No que tange ao desenvolvimento desse conhecimento na escola, a Educação Física ao ser inserida no currículo escolar em 1854, o Ministro Couto Ferraz promulgou a ginástica para o ensino primário e a dança para o ensino secundário, como matéria obrigatória. Atualmente, a separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física ainda é fato evidente no âmbito escolar, consoante é anunciado nesse livro.

O primeiro capítulo descreve a opinião de meninos em relação a presença ativa de meninas nos jogos de futebol desenvolvidos durante as aulas de Educação Física. As respostas obtidas demonstram que os meninos não aceitam essa aproximação em jogar junto com as meninas pelo fato de que o jogo para ser justo deve ser separado; porque as meninas não sabem jogar; porque há diferença do jogo de meninos e de meninas... A complexidade desse quadro nos permite questionarmos: o que é ser justo nas aulas de Educação Física? A Educação Física não deveria ensinar a jogar? Qual característica que o futebol apresenta que distingue o jogo masculino do feminino?

Em seguida, a discussão ganha novos contornos ao apresentar uma revisão bibliográfica sobre a temática gênero nas aulas de Educação Física e ao analisar qual o espaço que as meninas têm na prática do futebol. O segundo capítulo aponta resultados excludentes em relação à participação das meninas nos jogos, devido comportamentos dos meninos que são indiferentes ao não tocar a bola e, por vezes, demonstram agressividade ao chutar a bola com muita força. Como tornar as aulas de Educação Física democráticas e participativas, com respeito mútuo e vivências expressivas diante desse contexto?



O terceiro capítulo congrega dimensões conceituais sobre estereótipo, estudos de gênero, esportes considerados masculinos e femininos nas aulas de Educação Física escolar e implementação do esporte para ambos os sexos. O estudo também revelou que existe a separação de meninos e meninas para a prática esportiva e que a presença de meninas nessa prática é quase inexistente. Outro ponto que merece destaque é a realidade da Educação Física na escola investigada, pois a mesma se apresenta sem a devida legitimidade de um componente curricular obrigatório assegurado por lei.

Ressalta-se que os diálogos em cada capítulo se ampliam como um espiral aprofundando conhecimentos e saberes permeados com grandes autores e sucessivas intervenções pedagógicas que inspiram reflexões e a busca por transformação social.

Nesse entendimento, destaca-se que a ênfase central do livro visa propor uma Educação Física Escolar que contemple a diversidade de práticas corporais existentes para além da reprodução social de que futebol é para meninos e queimado é para as meninas ou simplesmente que o espaço ocupado por elas, sejam apenas na torcida. Observa-se que as questões de gênero discutidas com os(as) alunos(as) do Ensino Médio apresentam temas geradores para novos conhecimentos que integram diferentes discursos e perspectivas da realidade das escolas da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Pedreiras-MA. De igual maneira, esse contexto particular pode refletir outras conjunturas municipais, estaduais e federais. Nessa direção, cada detalhe apresentado nas pesquisas merece primorosa atenção.

Do discurso do professor técnico ao(a) aluno(a) atleta, do(a) aluno(a) mais habilidoso(a) ao(a) aluno(a) desengonçado(a), do esporte (futsal/futebol) as aulas de danças ou de lutas, da dicotomia corpo/mente, teoria/prática, objetividade/subjetividade e, tantas outras “contradições”... o livro propõe superar barreiras que



segmentam professor, aluno, conhecimento e práticas, reconhecendo que é possível modificar as relações sociais para além da sociedade tal como ela se apresenta. Assim, é preciso sublinhar a nós mesmos nesse processo educativo, no sentido de interpe-larmos qual o nosso papel e responsabilidade ética no exercício da docência, com o devido cuidado de não produzir ou mesmo estresir ações estereotipadas em relação à sexualidade.

Com a devida autonomia conferida pelo desejo de transformação, convidamos os(as) discentes e docentes dos cursos de licenciatura em Educação Física, professores das escolas e dos diferentes espaços educativos, coordenadores pedagógicos e gestores a mergulhar nessa perspectiva concreta de intervenção social com o ensejo de legitimar uma Educação Física que produz conhecimentos, que nos ensina a ser corpo e a viver corporalmente dentro e fora da escola. Que a reflexão ora proposta nesta obra possa nos trazer o sentimento de consciência do inacabamento para que estejamos aptos a nos aventurar em outras leituras de igual natureza.

Raffaelle Andressa dos Santos Araujo
Doutora em Educação pela UECE
Professora de Educação Física do
IFMA – Campus Buriticupu





Maria Ysadora Lopes da Silva
Giérison Brenno Borges Lima
Ernani Eugênio dos Santos Neto
Francisco Eric Vale de Sousa

O futebol nas aulas
de educação física:
análise das opiniões
de meninos quanto
a participação
ativa das meninas
nesse desporto

INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar precisa ser discutida e refletida afim de que os novos atores sejam conscientes de que necessitam ser ativos, produtivos e inovadores. Que não podem exercer junto aos seus alunos e perante toda a comunidade escolar, práticas pedagógicas que beneficie apenas alguns, pois é o que de fato acontece na maioria das nossas escolas brasileiras.

É comum que as aulas de educação física sejam apenas atividades esportivas, o que não é apresentado aqui como um problema a ser tratado. O que levantamos questão é a forma da aplicabilidade desse conteúdo e além disso, a prática esportiva não pode ser o único conteúdo a ser ministrado, visto que a cultura corporal de movimento abrange outras práticas como a dança, ginástica, lutas, jogos e esportes. Todas essas práticas em tese deveriam estar presentes no cotidiano escolar, o que entendemos como uma ação pedagógica eficiente e frutuosa para o desenvolvimento dos alunos.

Além disso, observamos por meio das experiências profissionais quanto o público discente é carente de práticas inovadoras, o quanto desejam realizar, construir práticas diferentes, que fujam do seu cotidiano, que inovem e despertem curiosidades e diversão.

As aulas de educação física, precisam ser prazerosas, alegres e contagiantes. Precisam despertar nos alunos o desejo de sempre desejam participar. Deve ser uma disciplina diferente das demais, diferente no sentido de inovação. Utilizar de todos os meios possíveis para que os alunos vivenciem práticas que os ofereçam ampliação do conhecimento.

Mas tudo isso só poderá sofrer algum tipo de mudança, quando tivermos profissionais conscientes de que precisam fazer a diferença, que precisam ser diferentes e mais ainda, que



tudo isso esteja integrado nas suas práticas pedagógicas. Que desenvolva aulas capazes de fazer com que a grande maioria dos alunos participem.

Diante de toda essa contextualização e ao mesmo tempo uma expressão pessoal, ou melhor, um olhar desejoso do ideal que as aulas de educação física poderiam se enquadrar/organizar. Pretendemos expor nesse trabalho opiniões dos meninos quanto a presença das meninas no conteúdo futebol ministrado nas aulas de educação física.

Essa pesquisa foi fomentada por acreditar que as práticas pedagógicas realizadas pelo professor na escola pesquisada, são práticas inovadoras, que possibilitam a inclusão de toda a turma no desporto oferecido, que no caso foi o futebol.

Além disso, o fomento também surgiu por ser a primeira experiência da turma pesquisada em praticar o conteúdo com a inclusão das meninas nas aulas. Isso pelo fato de que as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores passados, dividia as turmas em grupos de mulheres, na qual estas jogavam queimada, e em grupos de meninos que praticavam o futebol. Essa realidade exposta na escola pesquisada, é pontado por Junior e Darido (2002), como práticas comuns em muitas escolas Brasileiras.

E ainda observamos que a prática pedagógica inclusiva, utilizada pelo professor de Educação Física da escola pesquisada, se configura em uma prática que considera todos os gêneros sejam homens e mulheres, capazes de praticar toda e qualquer atividade.

Diante de tudo isso, o presente estudo teve por objetivo analisar opiniões dos meninos referente a presença das meninas nas práticas pedagógicas aplicadas ao futebol dentro do contexto da educação física escolar.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O futebol em terras brasileiras é uma prática comum. Para validar essa informação bastamos nos dispor a passearmos pela cidade onde moramos e logo encontraremos algum espaço criado pela própria comunidade para a prática do futebol, como as apropriações comuns de terrenos baldios e/ou outros espaços como os terreiros e/ou quintais das casas (BRASIL, 1998).

Além disso, também poderemos encontrar espaços organizados pelo poder público, já que constitucionalmente temos o direito ao lazer. Assim todo e qualquer ambiente poderá ser propício para a prática do futebol. Não requerendo muitos adereços, tendo apenas algo que simbolize uma bola e outros que demarquem a trave (BRASIL, 1998; FULAN; SANTOS, 2008).

E toda essa manifestação cultural frente ao futebol poderá ser justificável pelo que apontam Júnior; Darido (2007). Segundo esses autores, o Brasil é o país do futebol. Uma construção estigmatizada pela história de conquistas vivida pelo país.

E em todas essas conquistas históricas se faz presente e se ressalta a presença masculina. Foram os times masculinos de futebol que trouxeram para o Brasil a imagem de um país rico no quesito futebol. A esse respeito, visualizamos o quanto o corpo masculino exerce poder, a hegemonia. O que irá resultar em exclusões dos corpos femininos nesse desporto.

No que diz respeito ao poder, Franzine (2005) já relatava que é notório a presença masculina em todos os espaços e instâncias de poder, e assim a exclusão de outros corpos se torna comum e muito praticado. Sampaio (2008) ainda ressalta que as questões de poder se configuram também como barreiras para a prática do lazer, o que poderá justificar a ausência da mulher no futebol no decorrer da história.



Segundo Franzine (2005), a presença da mulher no futebol tem o seu marco nas décadas de 20 e 30. Nessa época a prática do futebol pelas mulheres tinha a finalidade de arrecadar fundos para os campos de concentração. Nessa mesmo tempo histórico a mulher assume todos os papéis sociais, já que os homens estão todos dispostos em campo de guerra.

Já no Brasil, o primeiro relato que se tem da prática do futebol por mulheres foi no ano de 1913. E já nessa época essa prática não foi bem observada pela sociedade o que ocasionou falta de investimento que levou o fim da prática do futebol por mulheres (FRANZINE, 2005).

METODOLOGIA

A pesquisa se apresentará com uma proposta metodológica exploratória e descritiva de abordagem qualitativa. O estudo foi realizado em uma escola privada do Município de Pedreiras – MA. A população estudada constitui-se de meninos que cursavam a 8º ano do ensino fundamental, os quais foram submetidos a um questionário composto por questões fechadas, algumas com espaço para serem complementadas. O questionário foi aplicado no turno matutino, que corresponde o turno de aula destes alunos. Nesse caso o questionário foi aplicado no horário de aula de Educação Física, sendo assim foram excluídos da pesquisa dois alunos, pelo fato de não estarem presente na escola no dia da realização do questionário.

Vale também ressaltar que na escola pesquisada, a disciplina de Educação Física está sendo enquadrada no sistema de apreciação pedagógica, ou seja, está sendo mais assistida, sendo tratada como as demais disciplinas. Falamos isso pelo fato de que anos atrás, a referida disciplina não possuía olhares atentos, um



acompanhamento pedagógico mais próximo. A disciplina atualmente é organizada com o sistema de avaliação, assim como aulas teóricas e práticas e conteúdos selecionados e organizados em apostilas, buscando oferecer aos discentes toda a cultura corporal de movimento possível.

Os resultados foram analisados através da comparação percentual entre as respostas e da interpretação destes dados com base na literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Procurou-se conhecer qual a opinião dos meninos quanto a presença ativa das meninas no conteúdo futebol ministrado nas aulas de Educação Física.

Foi perguntado o que acham do fato de jogarem juntos nas aulas de educação física futebol homens e mulheres¹. Assim dos 17 meninos, apenas 3 se incomodam de alguma forma com a presença das meninas. Estes relatam o seguinte:

“Acho chato jogarmos juntos, **pois há diferença no jogo**” (Aluno 01 [grifo nosso]).

O aluno 1, expõe de forma clara, que há diferenças entre os meninos e meninas. Mas que tipo de diferença ele deseja tratar? Talvez a diferença tratada por este aluno seja de que o jogo junto com as meninas as regras e ações comumente decorrente nas “peladas” não podem acontecer, como chutes fortes, palavrões

1. Houve uma certa preocupação de formular a pergunta utilizando do linguajar da turma e de acordo com a idade dos pesquisados.



e outras atitudes 'comuns' no desporto². Mas quem disse que as regras e ações que os meninos costumam fazer em campo, não podem ser realizados em jogos que há presença das meninas?

Talvez a diferença que o aluno quis trazer à tona foi a concepção cultural de que meninas não entendem muito de futebol. O que não concebemos como verdade. Mas não podemos negar que o acesso da mulher ao futebol é menos do que os meninos. Mas isso ainda é justificável, já que desde a infância o indivíduo do sexo masculino já é estimulado a apreciar e/ou prática o futebol e as meninas são educadas a brincarem em espaços privados e tendo como ferramentas para tal casinhas com bonecas e panelinhas, materiais que remetem ao cuidado e conseqüentemente as tarefas domésticas, visto socialmente como femininas.

Quanto a isso, Goellner (2007) afirma que o indivíduo ainda feto, no ventre materno, o seu corpo, seja ele masculino ou feminino, já começa a ser marcada com estereótipo social. Isso é fácil de ser percebida no dia a dia, como nas decorações de quartos, nas escolhas de brinquedos, e nas cores que são impostos ao homem a mulher.

As distinções de espaço para os corpos masculinos e femininos são bem diferentes. O menino é educado a viver em espaços públicos acompanhado de liberdades, são estimulados a brincarem com meninos de idades distintas. Já as meninas são educadas a brincarem em espaços mais calmos, tranquilos e limpos, longe de olhares masculinos e impossibilitada de exercer qualquer tipo de brincadeira com meninas de idade mais velha, para que dessa forma a pureza feminina seja ainda conservada.

E quando em uma família é anunciado que haverá mais um bebê a caminho, de imediato já se começa os preparativos para

2. Se trata de um comum que não concebemos como coerente nas práticas pedagógicas e muito menos fora do ambiente escolar.



a recepção deste novo indivíduo. E as preparações vão desde a escolha por mobílias, e se no caso for do sexo masculino, logo o ambiente será organizado com adereços culturalmente masculino como bolas de futebol e carros por exemplo, e o mesmo acontece com as meninas. Os corpos são estereotipados bem antes mesmo do nascimento (DAOLIO, 2006).

E todo esse estereótipo é carregado no corpo masculino e feminino até por toda a vida. Prova disso é que são poucas as meninas que se interessam pela prática futebol³. Nas aulas de educação física na qual foi realizada a pesquisa, quando era tratada o assunto de desporto, as meninas pouco se incluíam, salva-se aquelas que gostavam da prática. Os motivos para a exclusão era por acreditarem que o futebol assim como outros desportos pertencem aos meninos e não as meninas.

Mas, essa é uma realidade que precisa ser observada e mudada, já que o desporto faz parte da cultura corporal de movimento e precisa ser conhecida, e porque não dizer praticada, por todos e todas. Mas quanto aos estereótipos ele é retratado por muitos indivíduos sociais, inclusive pelo aluno 9 quando este diz:

“Acho muito chato porque **as meninas não sabem jogar**” (Aluno 09) [grifo nosso].

“Sim, acho chato, pois **as mulheres não sabem tanto**, só algumas coisas” (Aluno 03) [Grifo nosso)].

Esses alunos, afirmam que as meninas não sabem jogar o futebol. E se tratando da turma pesquisada, de fato as meninas que participavam das aulas de educação física não tinha tamanha habilidade para a prática do futebol, e conseqüentemente não tinham e nem se mostravam interessadas no assunto. Essa mesma realidade

3. Essa é uma informação empírica, pautada em observações realizadas durante o magistério dos pesquisadores em escolas da Cidade de Pedreiras – MA.



vivida com as alunas pesquisadas, também foi observada Malta (2010), que em sua pesquisa, percebeu que mesmo nas aulas mistas, as meninas não se interessavam pela prática do futebol.

Diante dessa realidade, nos permitimos indagar e ao mesmo tempo responder aos alunos 3 e 9, de que as meninas na sua maioria não sabem e não se interessam pela prática do futebol porque não lhe são oferecidas oportunidades para isso (TÓDARO, 1997). E quando a oportunidade do desporto surge, essa oportunidade geralmente não é dentro do ambiente escolar e sim fora dela.

Tódaro (1997), constatou em sua pesquisa com jogadoras de futebol, que os acessos das mulheres pesquisadas a esse desporto aconteceram fora da escola. Essa constatação ainda continua a existir, visto que as aulas de educação física se reduzem somente a prática do futebol ou de outros desportos, permitindo apreciação destes apenas por aqueles que possuem maiores habilidades para isso, e que na grande maioria esses mais habilidosos são os meninos.

Assim, Darido (1999) ainda aponta de que as aulas de educação física não precisam seguir o modelo de separação por sexo. Elas podem ser organizadas de forma mista. Oportunizando ambos os sexos de usufruir da cultura corporal de movimento. E assim oportunizar meninos e meninas a aprenderem o desporto. Dessa forma os meninos e as meninas entenderiam que ambos podem usufruir de qualquer prática esportiva, sem nenhum sentir-se excluído e/ou superior ao outro.

Nesse sentido, o aluno 15 faz o seguinte relato:

“Acho que poderia **separar para ficar justo**” (Aluno 15) [grifo nosso].

Ficar justo? O que é justiça dentro do esporte e propriamente dito o futebol? O que seria injusto quando a prática do desporto é praticada por homens e mulheres? Talvez a justiça que o aluno 15



se refere pode ser a que os meninos são superiores as meninas no quesito desporto. Eles sabem mais, praticam mais e por tanto são melhores que elas.

Quanto a isso Freire (1989) e Fulan; Santos (2008) já afirmavam que os meninos dentro do desporto se sentem superiores ao público feminino, justamente pelas oportunidades que são dados a eles e não a elas. A superioridade vai além disso. Os mesmos autores ainda afirmam que os homens se sentem superiores também no aspecto físico. É por esse motivo, segundo o pensamento masculino, tido por alguns, são melhores que as mulheres.

Dando sequência as análises das respostas, encontramos nestas, 5 meninos que a respeito da participação das meninas no futebol, eles entendem que é uma realidade e que é também um direito delas de realizarem essa prática junto com os meninos, como descrito abaixo:

“Não, pois **todos devem** praticar esportes” (Aluno 04) [grifo nosso]

“(...) pois todos **tem o direito de jogar futebol**” (Aluno 07) [grifo nosso]

“Não porque **todo mundo tem direito de praticar**” (aluno 10) [grifo nosso]

“(...) pois **todos tem direito** de jogar” (Aluno 12) [grifo nosso]

“(...) porque todos **temos direito de jogar futebol juntos e sem preconceito**” (Aluno 13) [grifo nosso]

Borttolin (2011) em sua pesquisa desenvolvidas com alunos da 7ª série, meninos pesquisados apresentaram favoráveis a prática do futebol para as meninas, observando que elas também podem fazer uso do esporte, que ambos os sexos podem participar. Estes, assim como os meninos pesquisados percebem o quanto esse esporte é importante para meninos e meninas.

Nas falas dos pesquisados nos chama atenção a palavra 'direito'. E ao mesmo tempo nos questionamos o que esses



meninos entendem como direito. Mas visualizando as falas acima, percebemos que o direito proferido pelos meninos é direito que poderá ser traduzida em oportunidades. Eles percebem o quanto as meninas também precisam ter a oportunidade de jogarem o futebol.

Essa compreensão de direito nos faz refletir sobre as oportunidades negadas as mulheres em relação a prática de esporte. Se constitucionalmente somos todos iguais, por qual motivos as nossa sociedade faz tanta distinção dos espaços ocupados pelos sexos masculinos e femininos?. Qual o motivo de não oportunizarmos as meninas a também praticarem o futebol junto com os meninos ou mesmo só entre elas?

Para Louro (1997) essa separação de espaços por sexos é justificada pelas diferenças existentes biologicamente entre o homem e a mulher. Mas essas diferenças não poderiam excluir os corpos femininos de atividades como o futebol.

Mas se tratando da prática de esporte, a mulher sofreu e ainda sofre várias repreensões, afim de afasta-las desse tipo de atividade, como se utilizando de justificativas que afetariam órgãos, o psicológico e até mesmo a cultura (FARIA JUNIOR, 1995; JUNIOR, DARIDO, 2002).

A escola por ser um ambiente detentora de princípios e conhecimentos científicos, é um mecanismo capaz de contribuir para o crescimento e educação social. E é ela que também reforça e faz distinção entre o mundo masculino e feminino, se utilizando de conceitos e tradições que só marcam os corpos e que ao mesmo tempo reforçam os estereótipos que insistem em se tatuar nos corpos de homens e mulheres (FULAN; SANTOS, 2008).

Sobre isso, Altman (1999) nos afirma que os esportes, os praticados dentro do ambiente escolar, ganharam ao longo do tempo estereótipo, marcas, imagem, ou seja, o esporte de alguma



forma passa a ser visualizada como uma atividade tipicamente masculino. A mesma autora ainda afirma que em alguns esportes a imagem do homem é mais forte do que em outros desportos, caso esse é o futebol, que é associado a imagem masculina, como se esse desporto pertencesse ao sexo masculino.

Essa e as demais associações que muito se faz dentro do desporto é justamente graças a essa separação de mundos masculinos e femininos que a escola de alguma forma ainda insiste em reforçar e a fazer (FULAN; SANTOS, 2008).

CONCLUSÃO

Dessa forma, percebemos em nossa pesquisa, que a maioria dos meninos ainda não consegue conceber e aceitar de forma democrática a presença das meninas no futebol. A esse respeito, sugerimos que no ambiente escolar e principalmente nas aulas de educação física, seja trabalhado a questão de gênero. Acreditamos que tais discussões em sala de aula, possibilitará um melhor entendimento sobre a presença da mulher nas práticas esportivas.

Ainda sugerimos que as práticas pedagógicas escolares, sejam práticas capazes de incluir todos, afinal acreditamos que a educação como todo é campo que deve sempre buscar meios para incluir todos os integrantes desse campo.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Rompendo fronteiras de gênero: marias (e) homens na educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.21, p. 112-117; 175-176, 1999.

BORTTOLIN, Anilse Maria Pícollo. "Futebol também é coisa de menina": um estudo sobre o gênero feminino na escola. *Revista Univap*, v. 17, n. 30, 2011.



BRASIL. Convívio escolar. Técnicas didáticas. Educação física. - Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação a Distância, 1998. 96 p. ; il. ; 16 cm. - (Cadernos da TV Escola. PCN na Escola, n. 4).

DAOLIO, Jocimar. *Cultura: Educação Física e Futebol*. 3.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

DARIDO, S. C.; JÚNIOR, O. M. S. *Para Ensinar Educação Física: Possibilidades de intervenção escolar*. Campinas, S. P: editora Papiros, ed. 6ª, 2007.

DARIDO, Suraya Cristina. *Educação Física na Escola: Questões e Reflexões*. Araras, SP: Gráfica e Editora Topázio, 1999.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa de macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do Futebol. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, nº 50, p. 315-328. 2005.

FREIRE, J. B. *Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física*. Campinas: Scipione, 1989.

FURLAN, Cássia Cristina; SANTOS, Patrícia Lessa dos. FUTEBOL FEMININO E AS BARREIRAS DO SEXISMO NAS ESCOLAS: reflexões acerca da invisibilidade. *Motrivivência* Ano XX, Nº 30, P. 28-43 Jun./2008

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Organizadoras). *Corpo, gênero e sexualidade: Um debate Contemporâneo na Educação*. 3. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, 28-40.

JUNIOR, Osmar Moreira de Souza; DARIDO, Suraya Cristina. A prática do futebol no ensino fundamental. *Motriz*, v.18, n.1, 2002.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis. Vozes, 1997.

MALTA, Mariana. Meninas e futebol: uma relação em construção na educação física escolar. In: III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte. Mega Eventos Esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular. Niterói – RJ. 2010.

SAMPAIO, Tânia Vieira. Gênero e Lazer: Um binômio instigante. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho(organizador). *Lazer e Sociedade: Múltiplas relações*. Campinas – SP: Editora Alinea, 2008, 139-154.

TÓDARO, L. G. *Considerações Acerca do Futebol Feminino no País*. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 1997. Trabalho de Formatura, Instituto de Biociências, Departamento de Educação Física.





Francisca Milena de Brito Santos

Geciane Eufrasio Cardoso

Francisco Eric Vale de Sousa

Questões de gênero
nas aulas de educação
física: um batepapo
sobre o assunto
com discentes do ensino
médio de uma escola
pública da cidade de
Pedreiras – MA

DOI: 10.31560/pimentacultural/2019.645.25-62

INTRODUÇÃO

Gênero se refere a forma de se identificar como homem ou como mulher. Orientação sexual se refere a atração afetivo/sexual por alguém de algum/ns gênero/os. Uma dimensão não depende da outra, não há uma orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é “naturalmente” heterossexual. (JESUS, 2012, p. 12).

Em um estudo realizado por Altmann, Ayoub e Amaral (2011) sobre relações de gênero nas aulas de Educação Física, comprovou-se que está presente no discurso de alguns professores a concepção de que os meninos são mais habilidosos para a prática esportiva e para os jogos coletivos, enquanto grande parte das meninas não se envolve com a mesma intensidade nessas práticas, pois não desejam suar e querem manter-se arrumadas.

Com a tentativa de intervir em tal realidade, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998) de Educação Física, no que diz respeito às questões de gênero, considera de fundamental importância a realização de aulas mistas, uma vez que estes possam favorecer ambos, tanto os meninos como as meninas, a aprenderem a ser mais tolerantes, respeitando as diferenças existentes, e até mesmo tornando-os seres mais críticos. Evitando a construção e/ou reprodução de pensamentos estereotipados em relação a sexualidade. Desta forma a Educação Física Escolar torna-se uma disciplina capaz de introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando assim o aluno um cidadão capacitado para usufruir dos jogos, de esportes, da dança, da ginástica, de lutas, da cidadania e uma melhor qualidade de vida (BRASIL, 1998).

Os diálogos entre professores e alunos estimulam um pensamento crítico, fazendo com que eles percebam as semelhanças entre eles e não as diferenças. Certo que as semelhanças devem



ser abordadas, mas é fundamental que as diferenças também sejam, pois não podem ser negadas e sim refletidas.

É direito de todos os alunos estarem juntos, aprendendo e participando das aulas de Educação Física e das atividades que fazem parte da disciplina, sem nenhum tipo de discriminação (BRASIL, 2007).

Altmann, Ayoub e Amaral (2011) asseguram que durante algum tempo essa separação e diferenças eram inatas e decorrentes de razões biológicas, entretanto, pesquisas sobre gênero contribuíram para compreender que elas são histórica e socialmente construídas.

E quando esse assunto se relaciona com a educação física enxergamos explícitas marcas significativas de separações corporais, nessas aulas os meninos e as meninas são tratados de formas distintas.

Geralmente e comumente no município que a pesquisa foi realizada, os horários, os dias de prática, conteúdos e metodologias de ensino são distintas. Para as meninas aulas são nas quartas e sextas, o conteúdo é resumidamente o queimado e de vez e outra o voleibol havendo até pouco estímulo para a prática de esportes.

Já para os meninos geralmente as aulas são de segunda, terças e quintas, as aulas são um verdadeiro espaço de treinamento de técnicas e habilidades motoras relacionadas ao futebol/futsal e esse cenário ainda é justificável já que eles fazem parte de times e que disputam com uma certa frequência de campeonatos sejam eles escolares ou não.

Esse recorte real das aulas de educação física não é um assunto relacionado a gênero? Ou é mais uma ação corriqueira que deve ser relevada e percebida como natural? Rapidamente tomamos a palavra e respondemos que não. Não é um assunto que



deve ser varrido para debaixo do tapete, é um assunto que deve ser discutido, refletido e realizar ações imediatas para que essa realidade passe para um passado que não desejaremos copiar, apenas lembrar que existiu.

E tudo isso é porque acreditamos e percebemos que a Educação Física Escolar tem o papel de proporcionar o desenvolvimento cognitivo e físico do aluno a partir das vivências corporais, através do jogo, da dança, das lutas e dos esportes. Contribuindo ainda no âmbito escolar na consolidação desses conhecimentos, ou seja, a questão de gênero.

Todos podem ser diferentes, mais não absolutamente necessários. Com esta união na diversidade se constrói um mundo novo (THEODORO, 2005, p.83), o mesmo acontece com a Educação Física na escola. Se todos se ajudarem, para assim formarem uma comunidade escolar mais diversificada enxergando o seu próximo como ele é, sem preconceitos, sem maldade, observando que cada um pode colaborar para a prática esportiva nas aulas de Educação Física, mostrando também a sua importância para tal ato, em defesa dos direitos iguais, proporcionando aulas mistas e uma Educação Física para todos.

A proposta deste trabalho é buscar uma contribuição para professores e acadêmicos de Educação Física, como também acadêmicos de pedagogia, conhecer e entender melhor a questão de gênero nas aulas de Educação Física e no ambiente escolar. Optou-se por essa temática, devido ao grande problema que há sobre gênero nas aulas de educação física percebida nas escolas da Secretaria de Educação da Cidade de Pedreiras - MA⁴.

4. Durante as vivências nos Estágios que corresponde a Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II assim como no Ensino Médio, foi percebido essas questões de gênero.



Nas aulas ministradas é possível perceber o quanto os alunos criticam sobre as divisões que existem nas aulas práticas de educação física. As meninas reclamam por não poderem jogar futsal e os meninos justificam a não participação das meninas, por carregar na mente as concepções de que elas não possuem porte físico para a prática, que são fracas, que cansam rápidas, e elas não terem a capacidade para participarem.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, considerando a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da produção de conhecimento (FICK, 2009).

É importante o estudo deste assunto para que não haja mais essa limitação em meninos jogar futebol e meninas vôlei, para que ambos possam participar das mesmas atividades.

Portanto o objetivo geral foi conhecer os níveis de discussões acerca da questão de gênero nas aulas de educação física. E como objetivos específicos: Observar como as relações socioculturais, que se relacionam com o gênero, podem interferir na participação feminina e masculina durante as aulas de Educação Física; Analisar o comportamento dos alunos em relação às perguntas feitas sobre a temática de gênero nas aulas de Educação Física.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Gênero

Em um estudo realizado por Meyer (2013), é apresentado o conceito de gênero de acordo com as práticas vivenciadas socialmente, e que desta forma é possível visualizar o masculino e o feminino de formas diversificadas.



[...] o conceito de gênero enfatiza essa pluralidade e conflitualidade dos processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpo e sujeitos femininos, torna-se necessário admitir que isso se expressa pela articulação de gênero com outras “marcas” sociais, tais como classe, raça / etnia, sexualidade, geração, religião, nacionalidade. É necessário admitir também que cada uma dessas articulações produz modificações nas formas pelas quais as feminilidades ou as masculinidades são, ou podem ser vividas ou experienciadas por grupos diversos, dentro dos mesmos grupos ou, ainda, pelos mesmos indivíduos, em diferentes momentos de sua vida (MEYER; 2013, p. 19).

E para Louro (2011) o conceito de gênero está diretamente ligado a história do movimento feminista contemporâneo. Ações isoladas de coletivas dirigidas contra a opressão das mulheres podem ser observadas em muitos e diversos momentos da história e mais recentemente, em algumas publicações, filmes e livros.

Um acontecimento muito importante foi “o voto das mulheres”, que aconteceu na virada do século XX, o movimento voltado para estender o direito as mulheres, ou seja, o sufrágismo”, (BELTRÃO; ALVES, 2009).

Outro retrato histórico marcante em prol da evolução feminista, em meados de 1960/1970, o Brasil é internacionalmente, a presença feminina é maciça nas manifestações estudantis, na política, no movimento operário, nas lutas políticas e sociais. Desde então as mulheres passaram a se expressar, a lutar por seus ideais, com uma força e organização que lhe garantia continuidade (OLIVEIRA, 2004).

Quanto a palavra gênero, assim como outras, não nos revelam imediatamente seu significado, geralmente as pessoas que buscam, se interessam, necessitam ir mais a fundo para poder melhor explicá-la, não apenas conceituando e localizando seu objetivo de estudo. Os estudos de gênero (ou relações de gênero) são também discutidos entre os acadêmicos com a intensão de ampliar e ao mesmo tempo contribuir para a evolução deste estudo (FARAH, 2004).



Nesse sentido, muitos estudiosos, grupos de universidades e instituições de pesquisas do país usam várias estratégias e abordagens, para legitimar esse campo de estudo.

De qualquer modo a concepção que atravessou parte dos Estudos Feministas foi (e talvez ainda seja) a de um homem dominante versus uma mulher dominada como se fosse uma fórmula única, fixa e permanente. Ainda que a expressão “diferença “ passa como de resto qualquer, outra adquira diferentes significados em diferentes contextos sociais. Políticos ou culturais, é para a sua importância no campo do feminismo que vamos nos voltar aqui-se a primeira referência nesse campo, acena para a distinção entre o, gênero, é importante observar que ela também está carregada da afirmação da diferença entre as mulheres (DÉBORAH BRITZMAN, 1996; *Apud.* LOURO, 2011).

Robert Connell (1995, *Apud.* Altman, Ayoub e Amaral, 2011), está atento para essas questões, quando se ocupa das “políticas de masculinidades”. Ele comenta que há uma “narrativa convencional” sobre a maneira como masculinidades são construídas e que supõe por essa narrativa que “Toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens”.

Nessa busca de afirmação recorrem a instrumentos e propostas, cada uma com sua metodologia diferente, traçando caminhos não apenas distintos, mas, muitas vezes contraditórios (FILHO, 2005).

Scott (1995, p. 89) argumenta que o conceito e gênero foi criado para opor-se a um determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando-lhes um caráter fundamentalmente social. “O gênero enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminidade”.



A visualização a respeito de Gênero na educação

Quando se fala em gênero e educação, numerosas questões podem ser debatidas. Desigualdade de gênero percorrem toda a história educacional desde os primórdios e em todos os países do mundo, continuando até os dias de hoje, ainda que apresentando padrões variados ou mesmo contraditórios. Apesar dos avanços consideráveis das últimas décadas, a história das relações de gênero ainda é um tema em construção. Por certo, já houve notável desenvolvimento do estudo da temática em pouco tempo, mas a consolidação desse campo de estudos ainda é muito recente (TORRÃO FILHO, 2005).

De início, a escola era um espaço exclusivamente masculino nos quais as meninas não podiam ingressar. Ou quando o faziam, eram em locais separados, frequentemente em instituições distintas. Segundo o sociólogo francês Brenard Charlot (2009, *Apud*. Senkevics; Carvalho, 2015), não há dúvidas, assim, de que desigualdades de gênero historicamente pesaram contra as mulheres. O duro é compreender a coexistência aparentemente paradoxal de havê-los/as nas salas de aulas, e mesmo assim, se manter uma discrepância nas oportunidades educacionais para um e para o outro.

A busca para a igualdade de direitos e de deveres do educando, enquanto se deveria se conceber como direito, verdadeiramente, o direito à dignidade, à felicidade, à interação social, a contínuas oportunidades de aprendizagem, considerando-se diferentes caminhos e alternativas de acolhimento a todos (CARVALHO, 2009).



Gênero e Educação

“Segundo Reis e Eggert (2017), toda pessoa tem o direito à educação, sem discriminação por motivo de sua orientação sexual e identidade de gênero, e respeitando essas características”, e aponta oito deveres dos Estados nesse sentido, incluindo acesso igual à educação e tratamento igual, desenvolvimento do respeito aos direitos humanos, proteção adequada contra exclusão, violência e discriminação.

Também no Século XXI, começou a se consolidar o entendimento de que são direitos humanos não somente a equidade de gênero como também a livre orientação sexual e identidade de gênero. Da mesma forma, as violências praticadas por motivo de orientação sexual e identidade de gênero podem ser consideradas violências de gênero (REIS; EGGERT, 2017).

No ano 2000, o Fórum Mundial de Educação adotou o Compromisso de Dakar referente à Educação para Todos, com tendo entre suas metas e eliminação, até 2005, “das disparidades existentes entre os gêneros na educação primária e secundária, até 2015, atingir a igualdade entre gênero em educação” (REIS; EGGERT, 2017, p. 11).

Na escola, questões referentes ao corpo, gênero e sexualidade, comumente ganham espaços de discussão sendo reafirmadas ou construídas. Também é na escola, em espaços “oficiais” (sala de aula) e “não oficiais” (corredores e intervalos) que são vivenciadas aprendizagens que contribuem para a construção das relações sociais (CEZAR; FERREIRA, 2012).

Ao longo da história, a educação tem colaborado para essa continuidade da estereotipia sexual, onde os preconceitos sexuais têm como base argumentos na ordem biológica, desencadeando



numa diferença exacerbada de experiências vivenciadas por ambos os sexos, interferindo diretamente em sua vida na sociedade (MATOS *et al*; 2016).

Nesse sentido, a questão da orientação sexual e da identidade de gênero também ingressa no campo dos direitos humanos e, por conseguinte, no campo da educação. Isso se encontra refletido em legislações federais brasileiras recentes. O Estatuto da Juventude tem uma seção específica sobre o Direito à Diversidade e à Igualdade, que determina que o jovem não seja discriminado inclusive por motivo de sexo e orientação sexual, e que para a efetivação do direito do jovem à diversidade e à igualdade a ação do poder público deverá incluir (REIS; EGGERT, 2017).

Ao longo da história, a educação tem colaborado para essa continuidade da estereotipia sexual, onde os preconceitos sexuais têm como base argumentos na ordem biológica, desencadeando numa diferença exacerbada de experiências vivenciadas por ambos os sexos, interferindo diretamente em sua vida na sociedade. Nesse sentido a fuga das meninas no esporte se repete, já que os meninos ocuparam o lugar privilegiado no esporte, em detrimento da cultura já conhecida historicamente (MATOS *et al*; 2016).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, estabelece que “todo ser humano tem direito à instrução [...] orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais” (REIS; EGGERT, 2017).

O conceito de gênero “explicita o ser mulher e o ser homem como uma construção histórico-social, diferenciando-se, assim, do restrito conceito biológico de sexo, que tende a explicações das diferenças entre feminino e masculino como fruto da natureza” (MOTEIRO, 2017, p. 341).



Mas antes de tudo, precisa fazer uma distinção, entendida aqui como necessária. Assim, salienta-se que gênero se refere a forma de se identificar como homem ou como mulher. Orientação sexual se refere a atração afetivo/sexual por alguém de algum/ns gênero/os. Uma dimensão não depende da outra, não há uma orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é “naturalmente” heterossexual. (JESUS, 2012, p. 12 *Apud.* MACHADO; PIRES, 2016).

Moraes; Oliveira (2011), colabora com tal afirmação quando afirma que a definição de gênero é a conexão integral entre dois aspectos que são: (1) gênero é construído sobre a base da percepção da diferença sexual e (2) gênero é uma forma primária de dar sentido às relações de poder.

As questões de gênero permeiam diversas instâncias sociais, inclusive o contexto escolar. Louro (2013) focaliza como a aula de EF e torna-se um contexto de elaboração das identidades de gênero, construindo masculinidades e feminilidades a partir da participação em atividades corporais: “Se em algumas áreas escolares a constituição da identidade de gênero parece, muitas vezes, ser feita através dos discursos implícitos, nas aulas de EF esse processo é, geralmente mais explícito e evidente” (JESUS, DEVIDE, 2006).

Em um estudo realizado por Altmann, Ayoub e Amaral (2011) sobre relações de gênero nas aulas de Educação Física, comprovou-se que está presente no discurso de alguns professores a concepção de que os meninos são mais habilidosos para a prática esportiva e para os jogos coletivos, enquanto grande parte das meninas não se envolve com a mesma intensidade nessas práticas, pois não desejam suar e querem manter-se arrumadas.

Segundo Devidé *et al* (2011), até o final da década de 1990, os Estudos de Gênero na EF (Educação Física) brasileira



se estruturam em duas correntes predominantes: a Marxista, baseada na preocupação em relação às desigualdades sociais, especificamente na opressão de classe entre homens e mulheres, caracterizando uma hierarquia de dominação-submissão; e a culturalista, que tem investigado a diversidade cultural e as múltiplas identidades como temas centrais.

Construção identitária e sua relação com as aulas de educação física valendo-se de significados construídos por estudantes. Influenciadas pela sociedade, as construções identitárias dos diferentes sexos são bastante díspares quanto às suas relações com as atividades físicas (MONTEIRO, 2017).

Questões de Gênero nas aulas de Educação Física

Atualmente na sociedade em que vivemos as mulheres são vista e desempenham um papel inferior aos homens, em diversos setores na sociedade. Essa situação vem acontecendo a anos, já é tido como algo histórico. Essa superioridade que os homens têm em relação as mulheres, foi construída culturalmente pela própria sociedade, distinguindo-se as habilidades e competências de cada gênero (CRUZ; PALMEIRA, 2009).

E segundo Cruz e Palmeira (2009), essa realidade não acontece apenas em ambientes de trabalho, o lugar em que essa situação ocorre com mais frequência são nas escolas, onde tudo começa, pois é a escolar o órgão capaz de preparar para um futuro melhor, e os seus próprios atuantes estabelecem a superioridade dos homens em reação as mulheres, sendo o principal responsável por tais atos os próprios professores/as que esperam por coisas diferentes de meninos e meninas, em que ainda nos dias atuais fazem o uso desta prática em separar meninos e meninas. Levando



em consideração que os professores de educação física consideram as aulas separadas por sexo a melhor forma de trabalhar, alegando que os alunos desenvolvam melhores resultados motores.

A questão de gênero nas escolas, principalmente nas aulas de educação física se dá em especial com a separação dos sexos, ou seja, meninos e meninas, e também com relação ao corpo. Percebendo-se que existe um tratamento diferenciado dos meninos em relação as meninas, e a educação física muitas vezes ainda auxilia na consolidação de conceitos errôneos em relação a disciplina (ANDRÉ *et al*, 2010).

De acordo com a história, os homens sempre ocuparam lugares privilegiados no esporte, por possuírem atributos relacionados a virilidade, já as mulheres, por possuírem atributos relacionados a “fêmea que procria”, sendo colocada em um plano inferior, ocasionando assim a exclusão da mulher na prática esportiva (CRUZ; PALMEIRA, 2009). Os homens ainda têm um pensamento “machista” em acharem que as mulheres são inferiores a eles, e até mesmo que elas desempenham um papel secundário na sociedade, em diversos aspectos, pois os homens estão ainda em maioria no poder do país, e isso não é diferente nas instituições educacionais. Isso acontece porque fomos criados em uma sociedade que culturalmente contribuiu e ainda hoje contribui nas formas diferentes de educar homens e mulheres.

Além disso, a escola deve garantir oportunidades para todos, oferecendo-lhes diferentes modalidades de atendimento educacional que permitam assegurar-lhe o êxito na aprendizagem e na participação. Reconhecendo as diferenças e a importância do trabalho que cada um desempenha com a sua própria diversidade, com o espírito democrático, ou seja, plural. (CARVALHO, 2009, p.17).

A escola além de garantir oportunidades, tem um papel importante na vida das pessoas, pois é o lugar onde se iniciam suas



relações umas com as outras, encontrando nesse ambiente a sua formação para a sua atuação na sociedade. Vale ressaltar ainda que a escola é um grande contribuinte para a triste realidade que envolve a questão de gênero nas aulas de educação física, não atuando como intermediadora para que assim haja uma transformação. Para Campos *et. al.* (2008) a escola deveria ser um ambiente de construção e reflexo, sobre tudo, um ambiente de coletivização dessas reflexões, onde a aceitação passiva de valores de exclusão como o gênero precisa ser superada.

O alvo principal são as aulas de educação física onde as meninas são sempre separadas dos meninos, auxiliando assim na consolidação destes conhecimentos deturpados, pois a anos foi introduzido na cultura a falsa superioridade masculina, pôr os meninos apresentarem maior desenvoltura, e uma melhor habilidade no desenvolvimento de atividades físicas (CRUZ; PALMEIRA, 2009).

A educação física (EF), inserida no ambiente escolar, vem se deixando cada vez mais se envolver nas chamadas “práticas discriminatórias”, auxiliando na construção, ou seja, formação de sujeitos masculinos e femininos. E para que essa situação venha a ser superada, é preciso que haja senso de igualdade e justiça entre as pessoas (JESUS; DEVIDE, 2006).

Beltrão e Alves (2009) consideram que a visão da mulher como um ser inferior, que não tinha necessidade de aprender a ler e escrever provém da tradição cultural básica, transportada de Portugal para a colônia brasileira.

O fato é que as meninas não são excluídas das aulas de educação física apenas por serem do sexo feminino, mais sim, muitas vezes, por serem consideradas fracas e menos habilidosas. E não colocando em prática a inclusão entre os alunos e o próprio respeito entre eles em achar que as meninas são mais sensíveis



e frágeis e os meninos apresentam uma melhor desenvoltura na realização de diversas atividades físicas, com isso os meninos se tornam menos tolerantes com elas (MORAES, 2011).

É importante ressaltar que só podemos discutir relações de gênero entre sexos, distinguindo-se em masculino e feminino. Mas não podemos deixar de salientar que essa discussão também envolve outras categorias de classificação como: raça, orientação sexual, idade, religião (CROCETTA, 2013).

O conceito de gênero neste contexto engloba todas as formas de construção cultural e social, diferenciando mulheres de homens, incluindo o processo que produzem seus próprios corpos, distinguindo-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade (MEYER, 2003, p.15).

No período colonial as meninas eram tratadas e viviam na ignorância, eram mandadas para internatos e/ou em conventos onde passavam a maior parte da sua vida, assim era que elas aprendiam a ler, a escrever, e a fazer os trabalhos domésticos.

Somente com os movimentos feministas, começaram a surgir a criação das escolas mistas, maneira pela qual as/os alunas/os frequentavam e ocupavam o mesmo espaço, as aulas eram ministradas para todos diferentemente do sexo pelos mesmos professores, tendo acesso aos mesmos conhecimentos e saberes, enfim a mesmas atividades. Com tudo a relação de superioridade dos homens frente às mulheres, continua igual nos dias atuais (CRUZ; PALMEIRA, 2009).

Para Carvalho (2009, p.11), a prática da inclusão significa tomar consciência e valorizar a diversidade dos alunos. A inclusão não prevê a utilização de práticas de ensino escolar específicas para esta ou aquela dificuldade de aprender. Os alunos aprendem nos seus limites e se o ensino for, de fato, de boa qualidade, o professor



levará em conta esses limites e explorará convenientemente as possibilidades de cada um. (MANTOAN, 2003)

As escolas mistas só foram criadas em 1920, com o intuito de igualar o acesso educacional para homens e mulheres, não alterando na representação tradicional, mas mantendo sempre a separação e a diferenciação de homens e mulheres, reproduzindo assim as desigualdades de gênero (CRUZ; PALMEIRA, 2009).

Silva (2003, p.91), relata que aparentemente a palavra gênero foi utilizada pela primeira vez, com o sentido próximo pelo atual biólogo estadunidense John Money, em 1955, precisamente para dar conta dos aspectos sociais do sexo.

O grande problema do educador não é discutir se a educação pode ou não pode, mas é discutir onde pode, como pode, com quem pode, quando pode; é reconhecer os limites que a sua prática impõe. É perceber que o seu trabalho não é individual, é social e se dá na prática de que ele faz parte (PAULO FREIRE, 2001; *Apud*. CARVALHO 2009).

Esse pensamento sobre quem pode mais, quem pode igual ou quem pode menos, no ponto de vista educacional á a injustiça quanto à separação, comparação e a seleção entre homens e mulheres, levando por consequência a exclusão. Quanto a importância do “ser diferente”, o pensamento de muitos é: é assim mesmo, alguns podem e outros não, alguns conseguem outros não. Levando esse pensamento para as aulas de educação física, é justamente dessa forma que os meninos veem as meninas, pois para eles, eles podem e conseguem ter um desenvolvimento mais eficaz em relação as meninas, e as meninas não podem conseguir (CARVALHO, 2009).

A prática nas aulas de educação física se fundamenta na separação dos sexos, sendo visto como principal objetivo de a



educação física apenas cuidar do corpo. Pois muitas vezes sendo licenciatura em educação física, tanto os professores com os alunos que tem mais afinidade e até mesmo se identificam com a disciplina buscam por obter um estereótipo de um corpo bem mais treinado (SILVA, 2012).

A inclusão envolve a reestruturação das culturas, políticas e principalmente a prática das escolas, que precisam rever suas ações, até então predominantemente elitistas e excludentes. A inclusão é um longo processo e não ocorre por decreto ou modismo. A inclusão ainda servirá para socializar amplamente o seu jeito vigoroso e esperançoso de defender o direito à educação para todos. (CARVALHO, 2009). Sobre este mesmo questionamento argumenta Costa e Silva (2002), que a educação conjunta entre meninos e meninas, considera a igualdade de oportunidades entre gêneros.

Contudo a Educação Física Escolar tem o papel de proporcionar o desenvolvimento cognitivo e físico do aluno a partir das vivências corporais, através do jogo, da dança, das lutas e dos esportes. Contribuindo ainda no âmbito escolar na consolidação desses conhecimentos, ou seja, a questão de gênero (JESUS; PRIES, 2006).

É dessa maneira que as mulheres se diferenciam dos homens, por serem mais delicadas, com gestos mais sutis, mais sensíveis, mas nunca deixando de mostrar a sua verdadeira importância diante da sociedade e do ambiente escolar.

Observa-se no currículo escolar que nas aulas “teóricas” os alunos estão sempre juntos. Mas quando passam para a parte prática de educação física existiu a divisão, ou seja, as meninas e meninos são separados. Dessa forma o preconceito “reina” nas práticas de educação física, mostrando a ideia de que todos somos diferentes, onde cada um realiza apenas as atividades que mais se identificam com sua identidade (CROSETTA, 2013).



Com a tentativa de contribuir com e sobre a hierarquização das diferenças entre homens e mulheres, o que ocorre constantemente no contexto escolar, levamos a seguinte problematização: como os/as alunos/as da 3ª série do ensino médio encaram o assunto de gênero nas aulas de educação física?

METODOLOGIA

Como o intuito deste trabalho foi analisar as relações socio-culturais, que se relacionam com o gênero, foi utilizada a pesquisa explicativa que segundo Gil (2002) este tipo de pesquisa tem como objetivo identificar os fatores que determinam ou que contribuem para concordância dos fenômenos. É o tipo que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas.

Sendo a pesquisa realizada através de slides apresentados sobre a temática a ser abordada, dois vídeos relatando a vida e o cotidiano de pessoas que sofreram e ainda sofrem com o preconceito em relação ao gênero escolhido por tais, e em seguida perguntas foram lançadas para a turma a respeito do tema a ser estudado.

Durante o ato da pesquisa buscamos conhecer o interesse e o desinteresse dos alunos e alunas durante as aulas de Educação Física com relação as questões de gênero, e se os professores interferem na construção de interesses por práticas da cultura corporal de movimento ao tratarem os conteúdos da educação física. Desta forma buscamos também investigar como os alunos se relacionam uns com os outros durante as práticas esportivas dentro das aulas de educação física ao terem a percepção de que os gêneros masculino e feminino não disseminam nenhum dos tipos de esportes e que qualquer indivíduo pode sim desenvolver suas habilidades com o esporte a se identificar.



As entrevistas foram realizadas em outubro de 2018. Foram contactados alunos do ensino médio e que pudessem conceder para esta pesquisa uma entrevista. Fomos ao encontro desses discentes em escolas que atendem estudantes do ensino médio da rede pública. Visitamos dois colégios e apenas um atendeu a solicitação da pesquisa. Toda a entrevista foi gravada em celular *smartphone Samsung Galaxy J5 Prime* e posteriormente transcritas e categorizadas.

De inícios os pesquisadores explicaram a direção da escola sobre o problema de pesquisa. Após isso, os alunos foram conduzidos a um ambiente previamente preparado com dispositivos áudio visuais a fim de assistirem um vídeo disponível na *web* que trata da prática do futebol por homossexuais. O vídeo “JOGADORES DE FUTEBOL GAYS? – PÕE NA RODA” e “Tiffany: Polêmica na Superliga a primeira atleta transgênero (Esporte Espetacular)”⁵. A finalidade do vídeo foi estingar a discussão acerca da prática esportiva no campo do gênero, ou seja, saber as opiniões dos alunos acerca dessa temática.

Dessa forma, foi desenvolvido uma roda de conversa que se deu por meio de uma entrevista semiestruturadas realizada de forma conjunta com todos os presentes. A entrevista será baseada em perguntas subjetivas voltadas para explorar todo o conhecimento que o entrevistado possui em relação à temática analisada (CAYANA, *et al*, 2017). Análise de dados foi desenvolvida através da análise do discurso organizado os achados por meio de categorias.

A pesquisa foi realizada em uma Escola Pública Estadual na qual oferta o Ensino Médio. Para a realização da pesquisa foram convidaram durante o turno matutino alunos da 3^a (terceira) série do

5. A escolha destes vídeos é unicamente por se tratar de temáticas relacionadas a gênero e as práticas esportivas. Além disso, são vídeos polêmicos e que desencadeiam discussões acerca da temática. Além disso, esses vídeos tiveram grande representatividade midiática no período da realização da pesquisa. Os vídeos foram apenas motivadores para dá início ao diálogo de gênero nas aulas de Educação Física.



Ensino Médio. O convite foi a visita em duas turmas na qual cada uma tinha 25 (vinte e cinco) alunos de idade de 14 (catorze) à 18 (dezoito) anos de ambos os sexos.

A direção da escola sugeriu que a pesquisa fosse realizada no contra turno, visto que durante o turno matutino poderia atrapalhar o andamento das disciplinas, já que não se aproximava a semana de avaliações bimestrais.

Os pesquisadores atenderam a sugestão da direção e marcaram no dia seguinte as 8hs:00 da manhã na biblioteca da escola munindo do Termo Livre e Esclarecido assinado pelos pais.

Na manhã seguinte apenas 05 (cinco) alunos compareceram a entrevista com o documento devidamente assinado. A entrevista foi iniciada as 9hs:00 com o intuito de esperar a chegada de mais alunos. Dada a hora já citada, foi iniciada a conversa com os alunos presentes.

A conversa foi organizada em círculo, na qual além dos alunos estava também presente os 03 (três) pesquisadores na qual um dirigia a conversa e os demais gravavam a conversa em 02 (dois) aparelhos telefone portátil (celular).

A conversa durou por volta de 01 (uma) hora no espaço já preparado pela própria escola para a realização da pesquisa.

Após o termino da conversa os pesquisadores transcreveram o que havia sido gravado e logo organizado as falas por meio de temáticas mais presentes nos discursos.

Nos discursos foram apresentadas questões sobre a presença feminina nas aulas de educação física, homossexualidade no ambiente escolar, Preconceito nas aulas de Educação Física e o Respeito pelas escolhas das práticas esportivas nas aulas de Educação Física.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

O futebol é um dos esportes mais praticados no Brasil, o estímulo a essa prática é percebida em todos os ambientes, principalmente nas aulas de educação física escolar.

Nessas aulas é constante perceber a prática rotineira dos esportes principalmente o futebol. E quando tratamos dessa temática e observamos os corpos que mais praticam essa modalidade percebe-se maciçamente o corpo masculino como dominante nesse espaço.

Em contrapartida a presença feminina no ambiente esportivo escolar ainda não é tão notória. E muitas são as justificativas para tal fenômeno. Às vezes os meninos impedem a participação das meninas e outras vezes as meninas não se mostram interessadas para participar.

Os dados da pesquisa demonstram que quando as meninas participam da prática esportiva, o futebol, ainda enfrentam algumas situações como descreve as alunas:

“Os meninos aqui da sala mesmo eles estão jogando eles podem até deixar a gente entrar, mas tipo tão tocando a bola, eles não tocam pra gente uma vez, uma única vez, ficam tocando uns para os outros” (Aluna 03).

“Quando a gente quer jogar, eles fazem de propósito, tipo assim, então quer jogar tem que aguentar fazem de propósito. Jogam com toda a força que tem pra tipo dizer que é sexo frágil” (Aluna 01).

“Um deles falta quebrar a parede do bebedouro” (Aluna 07)

“Olha, no dia em que eles estavam estagiando as meninas só pediram um lado da quadra um gol, e os meninos jogando lá na hora vieram todos, **nós não podemos jogar porque todo mundo bagunçou o jogo**. Só tinha cinco (5) meninas jogando, veio onze (11) meninos para cima de nós” (Aluna 05).



“Os meninos são machistas, **expulsão a gente da quadra**, só porque não sabemos jogar bola eles não deixam, não podemos aprender pelo fato de não saber. Eu não sei jogar mais eu gosto de praticar aquele esporte. Eles poderiam ensinar a gente mais não, ficam é botando a gente no chão” (Aluna 2) [grifo nosso].

Todas essas falas das alunas demonstram o pouco espaço que elas possuem na prática do futebol.

Como relata Furlan e Santos (2008), que no momento de introdução dos esportes na educação física escolar brasileira, os meninos são tidos com seres dotados de força, dominação e poder, e que as meninas são vistas como seres frágeis e dóceis, ou seja, dispõem de menos força em relação a eles e por isso são consideradas inferiores.

Nas aulas de educação física, quando o assunto é esporte há a exclusão já que culturalmente o contexto estabelece preconceitos sobre a participação feminina nessas aulas.

Muitas das vezes para iniciarem essa prática, as meninas têm que driblar o impedimento dos pais, que considera o futebol uma atividade eminentemente masculina (MORAES, 2012, p. 24). Visto que em boa parte da vida esportiva quando uma menina que jogar futebol o seu maior empecilho está dentro da sua própria casa, porque os pais não apoiam e nem dão o suporte necessário para elas.

Viana (2012) relata em seu estudo que existe um maior apoio social aos meninos do que às meninas para a prática de esporte e com mais frequência para o futebol. Enquanto muitos familiares levavam seus filhos (meninos) ao campo e acompanhavam da arquibancada os treinos e campeonatos, as meninas chegavam sempre sozinhas à escola de futebol e não contavam com o apoio de familiares e amigos para assistirem aos jogos.

Os autores citados têm o mesmo ponto de vista em relação ao que as meninas sofrem na escola para que possam desfrutar



da prática esportiva/futebol, que é o que realmente elas gostam de fazer. Visto que os próprios pais não incentivam, não apoiam para elas seguirem carreiras como jogadoras, contudo, elas nunca deixaram de acreditar nos seus sonhos e foram em busca de seus objetivos para alcança-los.

E também que este fato se dá em grande parte porque a sociedade é preconceituosa e estipula um padrão a ser seguido pela população, algo que vinha se passando de geração em geração, pois culturalmente o futebol é um esporte dominado e consequentemente praticado apenas por homens.

Mesmo com essa situação expressada pelas alunas, os alunos demonstram que também tentam inclui-las nas práticas do futebol. Alguns até já compreenderam que não há essa distinção de esportes femininos e masculinos como demonstram os alunos 04 e 05:

“Na época das cavernas, a mulher não caçava com o homem, de acordo com os cientistas e as teorias evolutivas ela caçava junto com o homem. Da mesma forma agora **a mulher ela pode, ela deve jogar** porque assim, **não tem esse negócio de homem e mulher**, e acredito que mulher nunca que é mais frágil que homem, porque a sociedade distinguiu isso, é direitos iguais, tanto no esporte, futebol, na sociedade” (Aluno 04) [grifo nosso].

“Ano passado tinha uma menina, **ela gostava de jogar**, a **gente pegava colocava ela no time e ela jogava**, eram quatro meninos no time e uma menina, e o mesmo acontecia com o outro time que também tinha outra menina, e aí nós conseguíamos jogar tudo certo e tal, porque ela despertou o interesse, ela pedia e a gente jogava junto todo mundo” (Aluno 05) [grifo nosso].

Em um estudo realizado por Malta (2010), ela observou que durante o período em que lecionou em uma escola em Belo Horizonte, Minas Gerais, notou que alguns meninos que não jogavam futsal e se juntavam com as meninas no campo. Eram momentos raros, porém existia, eram poucos aqueles meninos que se juntavam com as meninas e compartilhavam de uma mesma atividade que elas.



E as meninas de nenhuma forma contestavam a participação e a atuação ao futebol dos meninos juntamente com elas.

A Educação Física deve ser aquela que busca garantir a todos a possibilidade de usufruir e desfrutar dos jogos, esportes, danças, lutas e ginástica em seu próprio benefício, ou seja, é a única área em que a cultura corporal de movimento está inserida, buscando uma melhora na qualidade de vida dos indivíduos (BORTTOLIN, 2011).

Dobrantz e Canan (2013) destaca que o futebol precisa ser visto, enquanto esporte coletivo, não como competição ou apenas em seus aspectos formais, como menciona o aluno 4 que “da mesma forma agora **a mulher ela pode, ela deve jogar** porque assim, **não tem esse negócio de homem e mulher**”, para ele é direitos iguais para ambos os sexos.

De acordo com Correia (2008) o uso do futebol, pode ser uma das maneiras para educar os discentes a lidarem com as diferenças de gênero que desencadeiam uma prática de exclusão cotidiana nas aulas de Educação Física escolar, fazendo-os aceitarem e compreenderem como se constroem as diferenças, através de aulas coeducativas, rompendo assim a discriminação em relação ao esporte/futebol para prática feminina. Carrilho (2010; *Apud*. MENDES, 2013) ainda destaca que o futebol no contexto escolar, ele pode ajudar na formação de homens e mulheres na construção do seu caráter, na socialização e também como forma de conhecimento da cultura do país.

As análises feitas pelos autores ajudam em uma melhor forma para compreendermos como ocorre a inclusão das meninas no futebol dentro das aulas de educação física no ambiente escolar, e de que forma os meninos podem contribuir para o crescimento das mesmas.



Durante a pesquisa, foi levantada a questão de que o esporte ainda possui uma separação de corpos, na qual homens praticam o que socialmente é masculino e da mesma forma as meninas só praticam aquilo que socialmente é feminino.

O preconceito nasce justamente quando o diferente se manifesta, quando, por exemplo, mulheres desejam praticar um esporte genuinamente masculino. O corpo não precisa ter rótulos para praticar uma manifestação corporal. O corpo precisa se manifestar de alguma forma e a prática esportiva é uma oportunidade e, além disso, o esporte não deve restringir corpos.

Sobre esse assunto um aluno 01 relata que:

“A minha percepção é a seguinte: **não é de homem nem de mulher**, porque da mesma forma um homem pratica o vôlei a mulher também pratica, igual o futebol, até porque temos grandes exemplos né?! A maior jogadora de futebol do mundo é uma brasileira a Marta, e **o esporte não é definido somente para um sexo**, porque o esporte ele envolve todos os tipos de gênero. Um exemplo é o vôlei, que tem competições tanto masculina, como feminina, ou seja, não tem um sexo para cada esporte [grifo nosso].

A aluna 03 se manifestou relatando que:

“Por isso que existe o preconceito, **porque a própria sociedade cria os parâmetros para dividir se é de menino ou de menina**” [grifo nosso].

Já para o aluno 04 o preconceito tem uma raiz e que muitas das vezes essa raiz é no seio familiar. Exemplo disso é que geralmente o time que o filho torce é o mesmo do pai. Isso é devido as grandes manifestações presenciadas em casa.

Sobre esse contexto o aluno 4 relata:

“Geralmente a sociedade em si, **os próprios pais influenciam o filho a ser de uma modalidade do esporte**, por exemplo, um pai fala: “meu filho gosta de azul, minha filha gosta de rosa”, muitas vezes eu acho que não é a sociedade, o preconceito vem da própria família” [grifo nosso].



Segundo Santos, Souza e Bonfim (2015) preconceito é qualquer opinião ou sentimento que tenha um caráter negativo, ruim e grosseiro. Podemos considerar o preconceito como uma atitude discriminatória, que indique insultos a alguém, ou a um determinado grupo social.

As aulas de Educação Física são aquelas em que os alunos ficam mais expostos e submetidos a julgamentos expressos por aqueles que os observam, justamente por ser uma disciplina repleta de expressões tanto corporal como fisicamente. Dessa forma, facilitando o preconceito e a discriminação dentro do conjunto das atividades, das tarefas, da exposição do corpo. Daí, mais uma vez, a necessidade de um professor capaz de perceber tal julgamento, proporcionando o conhecimento dos indivíduos para que assim possam intervir nos atos discriminatórios (CAVAMURA, 2010).

Sexismo na educação física escolar é considerado o principal instrumento de reforço dessa discriminação, juntamente com o esporte, ou seja, em sua grande maioria a sociedade e a própria escola distingue determinado esporte de meninas e meninos. Sendo também que a habilidade é o fator de influência na exclusão das meninas. Entretanto, mesmo encontrando evidências de que a habilidade seja o principal motivo da exclusão, tanto para meninas quanto para meninos (CHAN-VIANA; MOURA; MOURÃO, 2010). Isso ocorre, pois, uma pequena parcela de alunos alguns dos meninos não se identificam com tal esporte, e dispõem de uma habilidade e força muito menor que outros.

Os meios de comunicação estão a cada dia e de formas diferentes promovendo discussões acerca das questões de gênero na sociedade. E isso vem representada por meio de matérias publicadas, vídeos com opiniões de líderes sociais, personagens de novela e/ou filmes e diversas outras formas.



É uma temática que está ganhando força justamente pelo fato de se perceber a necessidade de conversar sobre esse assunto. E quem vive na área docente principalmente precisa estar preparado para responder, questionar e até se comportar diante de situações acerca dessa temática.

E como os discentes possuem um livre acesso a todos os meios de comunicação, consequentemente também passam a opinar, julgar e até se posicionar sobre o assunto.

Quando os pesquisadores apresentaram a temática de discussão da pesquisa, o aluno 3 logo se manifestou, demonstrando assim um certo conhecimento acerca do assunto como descrito abaixo:

“É importante ressaltar também que essa questão de homossexualidade, transgênero, tudo isso é hoje, **não surgiu agora no século XXI**, eu digo que desde os primórdios da humanidade isso acontece, é claro que é de uma forma oculta, podemos dizer que desde a colonização, com certeza tinha homossexuais, tinha tudo isso mais era uma coisa oculta, não era? Até porque naquele tempo as doutrinas eram, pregavam coisas de outra forma, tinha a questão da igreja, a questão dos pais, tudo isso poderia ser caracterizado como uma doença. Naquela época se dissesse que ali em meados dos séculos após Cristo dissesse assim a eu sou homem e gosto de outro homem, era uma doença, era uma maldição de Deus, mandava matar. **Mas isso não é coisa de hoje**, já faz muito tempo. Agora que hoje o homossexual, bissexual, transgênero, ele encontra mais portas abertas apesar de todo o preconceito do mundo, mais ele encontra mais uma porta assim pra poder se amostrar o jeito que ele é pra sociedade, por exemplo, hoje nós temos **homossexuais professores, políticos nós temos poucos mais nós temos, atores**, inúmeras coisas dentro da própria igreja que naquela época era uma coisa, hoje na igreja tem, em todo canto da humanidade, em todos os países, em todas as cidades e a gente tem que aceitar, a gente não pode discriminar ninguém. Até eu gosto sempre de dizer quando eu tô falando disso a frase do Papa Francisco, quando ele veio ao Brasil e perguntaram: Papa Francisco o que o senhor tem a dizer sobre os gays? Ele disse: se a pessoa é gay e procura a Deus, quem sou eu para julga-lo? Ou seja, nem o Papa que é a maior autoridade, nem o presidente da república, nem um professor, nem ninguém pode expulsar, discriminar pessoas (Aluno 03) [grifo nosso].



O aluno reconhece que na sociedade há muitas pessoas que são homossexuais e ocupam lugares socialmente superiores a outros. Tomando-os também pessoas de referência, pessoas que também podem exercer funções sociais assim como os heterossexuais.

Culturalmente se instaurou distinções dos esportes masculinos e femininos. E muitos discentes acabam sofrendo algum tipo de repreensão por não se adequar a prática do esporte ditado pela sociedade. Muitos meninos não conseguem e não gostam da prática do futebol. Muitos preferem a prática de outros esportes ou até mesmo não praticar nenhum esporte.

O aluno 2 relata que durante o seu percurso na escola nunca sentiu qualquer tipo de preconceito ou discriminação por não praticar esportes da forma como os demais garotos da sua idade e sala.

“Assim na minha antiga escola é, eu nunca fui de jogar bola, eu sempre jogava queimado com as meninas, mais tipo, **a escola era bem de boa comigo**. Eu acho que **nunca sofri nenhum preconceito** entendeu? É eu nunca sofri um preconceito, eu **nunca fui discriminado por alguém**, sempre onde eu tô em algum lugar as pessoas sempre gostam, então. E tipo assim a respeito da escola quando eu ia jogar, tipo a educação física era no mesmo dia das meninas e meninos, só era horário diferente, mas mesmo assim os meninos queriam que eu jogasse bola com eles e as meninas choravam para mim jogar queimado com elas, então **não tinha nenhum preconceito, não tinha nenhuma barreira** no meio da gente, então era de boa” (Aluno 02) [grifo nosso].

No relato acima ainda é possível julgar que o aluno 2 é bem consciente quanto a prática de esporte sem estereótipo. Não percebemos uma certa preocupação em praticar esporte tipicamente masculino, pelo contrário, percebemos uma total autonomia quanto a sua escolha. E ainda é possível observar que os seus colegas respeitavam suas escolhas. Isso certamente contribui para a autoafirmação quanto a escola pela prática esportiva.



Uma das alunas entrevistadas relatou que joga futsal e imediatamente perguntamos se há algum tipo de preconceito nas aulas de educação física e ele relata que:

“(...) **não, eu acho normal**, mesmo jogando com as meninas e com os meninos é a mesma coisa” (Aluna 05) [grifo nosso].

De fato, não há anormalidade em uma mulher praticar um esporte na qual há uma dominância maciça masculina e vice-versa. Nenhuma prática esportiva é distinta para homens e mulheres.

Segundo Machado (2016) é possível evidenciar no cotidiano escolar, que meninas e meninos tentam aproximar-se em diferentes formas de brincar/jogar nas aulas de Educação Física, ou seja, em determinadas práticas esportivas os meninos incluem as meninas por mais que sejam poucas e vice e versa. Como por exemplo, foi relatado ainda que certa vez durante sua pesquisa, pode-se citar a invasão de um jogo de futebol por uma dupla de meninas, que queriam se fazer incluídas no jogo dos meninos. Nesta situação os meninos poderiam se recusar a jogar junto delas, no entanto aceitaram.

A partir de um estudo feito por Uchoga e Altmann (2016) notou-se que a participação de meninos e meninas juntos em diversas práticas corporais no ambiente escolar, a desigualdade ainda não está superada, em relação à participação nas diferentes práticas. As ocorrem a partir de concepções generalizadas de corpo e habilidades físicas, que colocam e consideram discursivamente as meninas como menos hábeis quando comparadas com os meninos. Dispondo de menos habilidades e desempenho durante a prática esportiva.

Em um estudo feito por Galvão (2002) a autora observou em uma aula que a professora dividiu os alunos para jogar em determinado esporte utilizando o número da chamada, e meninos e meninas jogaram juntos. Em outra situação, deixou que os alunos



escolhessem seus times, porém ainda colocou meninos e meninas juntos. Os times de voleibol também são mistos. Este resultado mostra que essa professora dispõe de uma prática pedagógica marcada do prazer do que faz, da ludicidade, da harmonia e equilibrada interação de seus alunos.

Nas aulas de Educação Física da escola pesquisada os alunos desenvolvem atividades de forma comum, meninas e meninos praticam atividades juntos, mesmo que seja em determinados momentos que isso acontece como relata a aluna 4:

“Ano passado a gente tinha no ginásio, só que assim não tinha nenhum problema. A **gente sempre jogava vôlei, meninas contra meninos não tinha problema nenhum**, a gente até misturava, sempre tinha aquela brincadeira pra tirar sarro mais era normal” (Aluna 04) [grifo nosso].

Geralmente nas aulas de educação física, as separações dos sexos são bem marcantes na qual os meninos socializam entre si e as meninas da mesma forma. Os grupos por vezes se tonam tão fechados que não se permite nenhum outro sexo permear no grupo um do outro. As práticas esportivas se distinguem entre masculinas e femininas, na qual a maioria das vezes prevalece a prática do futebol e do queimado.

Em sua vida escolar alguns alunos mencionam a separação de esportes masculinos e femininos, como demonstra no discurso:

Geralmente, **os meninos têm o horário de joga futebol, basquete e as meninas vôlei ou queimado**, toda vez é assim. Nunca dizem as meninas vão jogar futebol, é difícil a gente ver isso aí (Aluno 06) [grifo nosso].

Os meninos jogam bola e as meninas queimado (Aluna).

Essa separação sexista também fora constatada por Moreira; Soares (2011) na qual pesquisaram com 100 estudantes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, localizada em uma cidade no interior



de Minas Gerais, na qual averiguaram que nessa escola há discriminação de gênero nas aulas de educação física quando se trata das práticas esportivas.

Haertel (2007) em sua pesquisa também apuraram que há fortemente ainda inferioridade feminina nas práticas esportivas nas aulas de educação física. E ainda a pesquisa demonstrou que há separações sexistas.

Em meio a isso, Berria *et al* (2010) destaca que no relacionamento entre meninos e meninas é comum vermos a presença de conflitos, resistências e até mesmo exclusão entre eles.

“As diferenças entre meninas e meninos certamente não são naturais. As meninas que aparentam meiguice ou meninos que falam aos gritos são resultantes do modo como as relações de gênero foram construídas na nossa sociedade ao longo do tempo” (AUAD, 2006, p.39).

CONCLUSÃO

Como pode ser observado ao longo desta pesquisa as inclusões de gênero dentro do ambiente escolar, e principalmente nas aulas de Educação Física envolvendo o conteúdo de esporte/futebol apresentam opiniões diferentes, visões divergentes entre os alunos quando se trata deste assunto. É possível notar que ainda existe um tratamento diferenciado dos meninos em relação as meninas, visto que a grande maioria dos meninos veem as meninas como sexo frágil, ou seja, inferiores a eles.

De acordo com o que a maioria das meninas relataram, elas possuem pouco espaço na prática esportiva, principalmente no futebol por ser um esporte tipicamente masculino, os meninos não



as deixam participar das aulas práticas juntos com eles, e quando deixam não tocam a bola para elas, e ficam tocando uns para os outros. Segundo elas isso é de propósito, e as vezes são agressivos, ou seja, jogam com toda a força, e ainda dizem que elas devem aguentar.

Porém, alguns saem do pensamento machista e demonstram incluí-las na prática esportiva, afirmando assim que elas podem e devem jogar futebol ou até mesmo fazer outras coisas que os meninos fazem, dizem que é direitos iguais.

É possível nota que muitas vezes esse pensamento de que o futebol é um esporte masculino, porque a família, de certa forma impõe aos seus filhos fazer o que culturalmente são de cada sexo: feminino e masculino, onde meninas devem enquanto crianças brincar de boneca e casinha, sempre cuidando da casa e dos filhos, e os meninos brincar de jogar futebol e ser a autoridade da casa.

Diante da pesquisa percebemos que não deve ser distinguido o que é de homem ou de mulher, porque o esporte em si envolve todos os tipos de gênero, sexo, raça, etnia. Envolvendo na Educação Física o máximo de indivíduos possíveis, para a realização das aulas práticas, todos juntos. Visto que a mídia também é quem colocar os padrões e parâmetros a ser seguidos, dividindo o que é de homem e o que é de mulher.

Vale ressaltar ainda que essa questão de gênero não ocorre apenas nas aulas de Educação Física, e não são ressesentes. São pontos que vem sendo ocorridos desde de muito tempo atrás dentro da sociedade, e que é notório a sua visualização dentro dos ambientes de trabalhos, ou seja, os homens sempre possuíram um papel de maior destaque em relação as mulheres.

O esporte enquanto conteúdo da Educação Física, além das divergências que existe é algo que precisa e aos poucos vem sendo



modificado, desta forma deve-se trabalhar em conjunto, envolvendo os meninos e as meninas em um único espaço. Sendo que a Educação Física tem o papel de proporcionar igualdade para todos, e que assim possam conviver respeitando as diferenças existentes.

O esporte, independentemente de qual seja, não pode ser separado de forma sexista, devendo principalmente, nas aulas de educação física incluir meninos e meninas, oportunizando todos a vivência dos esportes.

E sugerimos que esse papel de inclusão e ao mesmo tempo de combate as diversas formas de preconceito/repreensão quanto aos corpos que praticam o esporte deve ser disseminada pelo docente de educação física, oferecendo assim oportunidade a todos a vivência do esporte.

Isso porque acreditamos que o esporte deve ser vivenciado de forma inclusiva e com uma participação ativa de todos. E as meninas principalmente devem ser incentivadas a pratica do esporte, visto que elas são as mais excluídas.

Ainda sugerimos que nas aulas de educação física, os professores tratem de inclusão social, assim como discussões acerca de gênero relacionados ao esporte.

REFERÊNCIAS

AUD, D. *Educar meninas e meninos: Relações de gênero na escola*. São Paulo: Contexto, 2006.

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, S. C. F. Gênero na prática docente em Educação Física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? *Estudos Feministas, Florianópolis*, v. 19, n. 2, p. 491-501, maio/ago.2011.



ANDRÉ, Carlos; OLIVEIRA, Helton; BORRALHOS, José; SÉRGIO, Paulo. Gênero e educação física escolar nas séries iniciais do ensino fundamental. 3º CONCENHO. *O norte da educação física e ciências do esporte: história e desafios para os dias atuais*. Período de 01 a 04 de dezembro de 2010, Castanhal e Belém.

BELTRÃO, K.I., ALVES, J.E.D. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. *Cadernos de Pesquisa*, v.39, n.136, p.125-156, jan./abr. 2009.

BORTTOLIN, Anilse Maria Pícollo. "FUTEBOL TAMBÉM É COISA DE MENINA": UM ESTUDO SOBRE O GÊNERO FEMININO NA ESCOLA. *Revista Univap, São José dos Campos-SP*, v. 17, n. 30, dez.2011. ISSN 2237-1753.

BRASIL. Nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Disponível em http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf. Acessado <16 de novembro de 2018>

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – *Educação Física*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BERRIA, Juliane; BEVILACQUA, Lidiane Amanda; CASTRO, Tatiele Marques Rodrigues de; DARONCO, Luciane SanhoteneEtchepare. O gênero nas aulas de Educação Física: questões e conflitos. *Revista Digital – Buenos Aires*, Año 15, Nº 143, Abril de 2010.

CAVAMURA, Mariana Piccoli. Preconceito, discriminação e exclusão dos menos habilitados em aulas de Educação Física / Trabalho de Conclusão de Curso. Mariana PiccoliCavamura. - *Rio Claro* : [s.n.], 2010.

CAMPOS, Angélica da Fonseca; COCATE, Paula Guedes; FREITAS, Maria Eunice de Paiva SOARES, Leililene Antunes; CRUZ, Lúcia Aparecida da. A questão de gênero nas aulas de educação física. *Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*, v. 3, n. 3, p. 79-88, set. 2008.

CARVALHO, RositaEdler. Educação inclusiva: com os pingos nos "is". *Editora Mediação*. 6ª edição, Porto Alegre, 2009.

CAYANA, Ezymar Gomes; LUCENA, Jean Paes Landin de; ARENHARDT, Christian Reinaldo; LEAL, Fernanda de Lourdes Almeida. Religiosidade e Espiritualidade no Enfrentamento do Câncer: Uma Revisão Narrativa de Estudos Qualitativos. *Atas CIAIQ*, 2017.



CEZAR, Fernanda Bianchini; FERREIRA, Lúlian Aparecida. O gênero nas aulas de educação física: uma análise a partir do handebol e do futsal. *XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino* - UNICAMP - Campinas – 2012.

CHAN-VIANNA, Alexandre Jackson; MOURA, Diego Luz; MOURÃO, Ludmila. Educação Física, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 149-164, abril/junho de 2010.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: Como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, ano 2, 2002.

CORREIA E. B. Monografia "O FUTEBOL COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL NO ENSINO FUNDAMENTAL". Ano 2008. Disponível em <superclickmonografias.com/blog/?p=118> .

COSTA, Maria Regina Ferreira da; SILVA, Rogério Goulart. A educação física e a coeducação: igualdade ou diferença? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas. V. 23. N.2.p.43-54. Jan. 2002.

CROCETTA, Renata Righetto Jung. Coeducação e relações de gênero na educação física com estudantes do ensino médio. *V SIMFOP- Simpósio sobre formação de professores. Educação Básica: Desafios frente as desigualdades educacionais*. 5 a 7 de junho de 2013 – Campus Universitários de Tubarão ISSN 2175-9162.

CRUZ, Marlon Messias Santana; PALMEIRA, Fernanda Caroline Cerqueira. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. *Motriz*, Rio Claro, v.15 n.1 p.116-131, jan./mar. 2009.

DEVIDE, Fabiano Pries; OSBORNE, Renata; SILVA, Elza Rosa; FERREIRA, Renato Callado; CLAIR, Emerson Saint; NERY Luiz Carlos Pessoa. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. *Motriz*, Rio Claro, v.17 n.1 p.93-103, jan./mar. 2011.

DOBRANTZ, Vilson; CANAN, Felipe. DESAFIOS ENFRENTADOS FRENTE AO ENSINO DO FUTEBOL PARA MENINAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. Versão On-line, ISBN 978-85-8015-076-6 *Cadernos PDE*, vol. 1, 2013.

FARAH, Marta Ferreira Santos. Gênero e políticas públicas. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 12(1): 360, janeiro-abril/2004.

FILHO, Amílcar Torrão. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu* (24), janeiro-junho de 2005, pp. 127-152.

FLICK. Uwe. *Introdução a pesquisa qualitativa*. 3 ed. São Paulo: Artmed, 2009.



FURLAN, Cássia Cristina Furlan; SANTOS, Patrícia Lessa dos. Futebol Feminino e as barreiras do Sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade. *Motrivivência* Ano xx, Nº 30, P. 28-43, Jun./2008.

GALVÃO, Zenaide. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A PRÁTICA DO BOM PROFESSOR. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte* – 2002, 1(1):65-72.

GIL, Antonio Carlos, *como elaborar projetos de pesquisa*, 4 Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HEARTEL, Bianca. A temática do gênero nas aulas de educação física do ensino médio: pesquisa e intervenção em escolas de São Carlos. In: III Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: O lazer em uma perspectiva latino-americana, 2007, São Carlos: SPQMH - DEFMH/UFSCar, 2007, p. 99-115.

JESUS, Jaqueline Gomes de. ORIENTAÇÕES SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO: CONCEITOS E TERMOS. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2ª edição – revista e ampliada. Brasília, Dezembro, 2012.

JESUS, Mauro Louzada de; DEVIDE, FabianoPries. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. *Movimento*, vol. 12, núm. 3, septiembrediciembre, 2006, pp. 123-140 Escola de Educação Física Rio Grande do Sul, Brasil.

LOURO, Guacira Lopes; Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva Pós- estruturalista/ Guacira Lopes louro. 13. *Petrópolis, RJ: vozes*, 2011.

LOURO, G.L. CAP. Currículo, gênero e sexualidade – o “normal”, o “diferente e o “excêntrico”. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis – RJ: Vozes*, 9.ed, 2013.

MACHADO, Aline Gomes; PIRES, Roberto Gondim. Identidade de gênero e suas implicações sobre a sexualidade na perspectiva de professores de Educação Física. *Motrivivência* V. 28, nº 48, setembro/2016.

MACHADO, Andressa Perkovski. MENINAS E MENINOS E SUAS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. Modalidade do trabalho: *Relatório técnico-científico Evento: XXI Jornada de Pesquisa. Salão do conhecimento, ciência alimentando o Brasil, Unijui 2016.*

MALTA, Mariana. MENINAS E FUTEBOL: UMA RELAÇÃO EM CONSTRUÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. *III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular Niterói – RJ 23 a 25 de setembro de 2010* ISSN 2179-8141.



MATOS, Naiara da Rocha; BRASILEIRO, Geisa Silva; ROCHA, Rodolfo Teixeira; NETO, Jorge Lopes Cavalcante. Discussão de gênero nas aulas de educação física: uma revisão sistemática. *Motrivivência* v. 28, n. 47, p. 261-277, maio/2016.

MENDES, Thiago Augusto. O ENSINO DE FUTEBOL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, DE ACORDO COM OS AUTORES. Trabalho de conclusão de curso. *Belo Horizonte*, 2013.

MEYER, D. E. CAP. Gênero e educação: teoria e política. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. *Petrópolis – RJ*: Vozes, 9.ed, 2013.

MONTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer? *São Paulo: Moderna*, 2003.

MONTEIRO, Marcos Vinicius Pereira. A construção identitária nas aulas de educação física. *Revista Brasileira de Educação*. v. 22 n. 69 abr.-jun. 2017.

MORAES, Enny Vieira. As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970-1990). 2012. Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12739>.

MORAES, Júlio Paulo de. Gênero nas aulas de educação física de ensino médio. – *Campinas, SP*: [s.n], 2011.

MORAES, Laurenza Lopes. *Gênero, sexo: construção na educação física escolar*, 2011. *PORTAL EDUCAÇÃO*. Educação inclusiva: reflexão sobre escola para todos. Ano2frev001/rev3.0.

MORAES, Lidiane Marrero de; OLIVEIRA, Regiane Gonçalves de; FECHIO, Juliane Jellmayer. A homossexualidade e o bullying na Educação Física Escolar. *EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires*, Año 15, Nº 153, Febrero de 2011. Disponível em <http://www.efdeportes.com/>.

MOREIRA, Kátia Marques; SOARES, Leililene Antunes. Relações de gênero nas aulas de educação física: discriminação nos esportes. *EFDeportes.com, Revista Digital*, Buenos Aires, Año 16, nº 162, November 2011.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. A construção social da masculinidade / Pedro Paulo de Oliveira. – Belo Horizonte :*Editora UFMG*; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004. 347p. (Origem).

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. *Educ. Soc., Campinas*, v. 38, nº. 138, p.9-26, jan-mar., 2017.



SANTOS, Paulo Augusto Costa; SOUZA, André Santos; BONFIM, Cláudia Ramos de Souza. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES PARA A SUPERAÇÃO DO PRECONCEITO DE GÊNERO NO ESPORTE. *IV SIES – Simpósio Internacional de Educação Sexual: Feminismo, identidades de gênero e políticas públicas*. De 22 a 24 de abril de 2015, local: UEM.

SCOTT, J. J. Gênero: uma categoria útil de Análise Histórica. *Educação e Realidade*, v.20, n.2, p. 71-79, jul/dez. 1995.

SENKEVICS, Adriano Sousa; CARVALHO, Marília Pinto. Casa, rua, escola: Gênero e escolarização em setores populares. *Cadernos de Pesquisa*, v.45, n.158, 2015.

SILVA, Marcelo Moraes e. Escola e educação física: maquinaria disciplinar, biopolítica e generificante. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 343-357, abr./jun. 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. As Teorias Pós Críticas. Documentos de Identidade: Uma Introdução as Teorias do Currículo. 2. ed. *Belo Horizonte: Autêntica*, 2003.

THEODORO, Helena (2005). Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada / In KabengeleMunanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

TORÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cad pagu*, n.24, 2005.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran, ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Volume 38, Issue 2, April-June 2016, pages 163-170.

VIANA, Aline Edwiges dos Santos. As relações de gênero em uma escola de futebol: quando o jogo é possível. *Campinas, SP*: [s.n], 2012. Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/275016>.





Danlei Teixeira Rodrigues da Cruz

Lucas Freitas Brito

Francisco Eric Vale de Sousa

Questões de gênero
nas aulas de educação
física: discursos
de meninos e meninas
de uma escola pública
de Pedreiras – MA

DOI: 10.31560/pimentacultural/2019.645.63-97

INTRODUÇÃO

Entende-se que para a prática esportiva não existe idade, sexo ou raça. Esporte nada mais é que do que um fenômeno sociocultural que a cada época vem crescendo no meio em que vivemos. No contexto escolar e principalmente nas práticas de atividades física, meninas e meninos vêm sofrendo alguns preconceitos a respeito de gênero e principalmente aos meninos e meninas que se comportam esportivamente fora dos padrões estabelecidas pela sociedade.

Para Fleuri, (2006) a luta contra os estereótipos e os processos discriminatórios, assim como a defesa da igualdade de oportunidades e o respeito às diferenças não é um movimento simples, pois os mesmos argumentos desenvolvidos para defender relações mais justas, dependendo do contexto e do jogo político em que se inserem, podem ser resignificadas para legitimar processos de sujeição e exclusão.

Para Romero (2001) *apud* Venturini *et al* (2010)

Os estereótipos e as representações traduzem o pensar da sociedade. Enquanto o estereótipo é fator que influi no processo de percepção das pessoas e simplificam a realidade objetiva, a representação social vem a ser uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos (ROMERO, 2001, p. 5).

E se tratando desse assunto, nas aulas de educação física, muitos são os estereótipos vividos, que já inicia na separação dos corpos, na qual cada professor trabalha de forma separada de meninos e meninas. E essa separação é marcada também pelas práticas esportivas, na qual meninos se detêm a praticar esportes como futebol e/ou futsal e as meninas a jogarem vôlei e/ou queimada.

Essas separações acontecem até de forma involuntária, na qual são os próprios alunos que iniciam tais separações. Mas é



importante ressaltar que tais ações voluntárias são frutos de práticas educativas recheada de estereótipos, de separação dos sexos.

As crianças nos dias atuais podem deixar de participar das aulas práticas da disciplina de Educação Física pelo simples fato de não ver tal pratica esportiva passada pelo professor como um esporte que possa envolver a todos independente do gênero. O que leva a deixar em vista que o corpo é a maior necessidade na praticidade de esportes.

Haertel (2007, p. 100) afirma que:

Descreve a existência de uma construção cultural do corpo a partir de um conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições, havendo valorização distinta das condutas manifestas e a existência de gestos típicos em cada sociedade, os quais são diferentemente executados e interpretados. Sendo que em sua classificação das “técnicas corporais” inclui a diferenciação entre homens e mulheres ainda que em uma mesma sociedade. (p.100).

As distinções dos corpos já iniciam bem antes do nascimento de uma criança. E isso pode ser percebida como pela decoração do próprio quarto assim como a utilização de cores específicas e com objetos que distinguem homens e mulheres.

Para Simões e Piccolo (2012) *apud* Rios; Moreira (2016)

O corpo não é a junção de uma parte com a outra, nem uma máquina automática de causa e efeito comandada pelo espírito, ou mesmo um psiquismo, unido a um organismo, isolado do resto do mundo. O corpo é uma casa, uma morada localizada em um quarteirão infinito, construída com partes interligadas por substâncias vitais, habitada por sentidos e segredos, envolta por janelas perspectivais, circunvizinhada por outras casas, com as quais mantém uma relação de dependência e ao mesmo tempo de individualidade (p. 227).

Segundo Furlan *et al* (2010) a sociedade brasileira vem impondo papéis sociais diferenciados, especificando de acordo com o corpo masculino ou feminino sobre influência da cultura. Devemos reconhecer que a escola não só produz ou reflete as



concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria produz. As aulas da disciplina de educação física e o ambiente escolar devem ser realizados com o ideal de que os alunos sintam-se que apesar de corpos diferentes tem os mesmos direitos, sem restrição para ambos.

Segundo Louro (2003); Ribeiro (2002) *apud* Maia; Navarro; Maia (2011)

A identidade de gênero pode ser compreendida como a auto percepção de cada pessoa em relação às categorias sociais que dizem respeito ao masculino e ao feminino, à parte de uma representação biológica que se constrói pelos fatores sociais e culturais que são predominantes na formação. É um dos elementos constituintes da identidade, mas não a definidora desta. Seu desenvolvimento ocorre desde o nascimento, numa interação constante entre o indivíduo e os outros, não se constituindo nem se apresentando de maneira fixa (LOURO, 2003; RIBEIRO, 2002).

De acordo com Gonçalves Junior; Ramos (2005) *apud* Monteiro (2017):

O conceito de gênero "explicita o ser mulher e o ser homem como uma construção histórico-social [...], diferenciando-se, assim, do restrito conceito biológico de sexo, que tende a explicar as diferenças entre feminino e masculino como fruto da natureza" (p.341).

Segundo Sousa; Pamela (2009) *apud* Venturini *et al* (2010) durante as aulas práticas de Educação Física é perceptível as diferenças entre os meninos e meninas; meninos se destacam nas atividades físicas principalmente nas de grau com o nível maior de dificuldade e as meninas se deslocam para as atividades mais rítmicas.

Mas, vale também ressaltar que muitas modificações estão acontecendo, na qual muitos espaços tidos como masculinos e femininos estão se modificando, isso pelo fato de que a sociedade a cada dia vem estabelecendo, sob ação da cultura, papéis sociais diferenciados para homens e mulheres.



Os esportes sempre foram marcados por questões de gênero, sexualidade, conflitos e preconceitos. O esporte com a sua manifestação vem sendo atualmente um palco para discussões e questionamentos acerca dos padrões de gênero e sexualidade, que no entanto polarizam em categorias diferentes o gênero feminino e masculino.

A adoção do conceito de gênero, historicamente construído, é um passo importante para sairmos das explicações das desigualdades a partir de fundamentações que se baseiam nas diferenças físicas, biológicas. As relações entre os sexos são construídas socialmente e, portanto, podem ser mudadas, assim como a hierarquia entre homens e mulheres. (UNBEHAUM, 2004). É nesse sentido que o presente estudo pretendeu percorrer. Conhecer como os corpos masculinos e femininos se manifestam.

A escolha por essa temática é justamente pela vivência real de uma educação física excludente e preconceituosa. Aulas que separam corpos e que limitam a participação de muitos que não se identificam com práticas esportivas denominadas como masculinas e femininas.

O vivido durante toda a educação básica, nos possibilita a pesquisar e ao mesmo tempo demonstrar a todos os envolvidos, principalmente os professores de educação física, o quanto à educação física não precisa separar os corpos masculinos e femininos.

Acredita-se que não há esportes masculinos e femininos. O que há são práticas corporais livres, sujeita a participação de todos, homens e mulheres.

Portanto, o objetivo deste estudo foi identificar nos discursos dos alunos do ensino médio questões sobre gênero presente nos esportes nas aulas de educação física. Já o objetivo específico foi distinguir como são realizadas as separações dos corpos femininos e masculinos nas aulas de educação física. Para tanto foi utilizado a abordagem qualitativa. Os dados foram coletados por meio de uma



entrevista semi- estruturada com trinta e seis (36) alunos do Ensino Médio de uma escola pública estadual da cidade de Pedreiras- Ma.

Sendo assim, a pesquisa proporcionou uma discussão acerca de gênero nas aulas de educação física, visto que foram muitas as evidências entre as distinções do esporte masculino e feminino.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Estereótipo

Estereótipo tem sua origem que indica “*stereó*” + “*týpos*” (“molde sólido”), ou seja, estereótipos baseiam- se em ideias fixas, na qual introduzem como verdades relativas, onde não questionamentos a serem julgados. Então pode- se conceituar como conjuntos de crenças definidas como simplificações da realidade feitas por esquemas mentais que distorcem e generalizam características (seja elas de caráter positivo, negativo ou neutra) (TRINDADE, 2010).

Já nas concepções de Martins e Rodrigues, (?) estereótipos são um tipo de imagem social sobre traços típicos de um grupo, o que leva a esse grupo se caracterizar por ser um modelo para resolver uma contradição da vida cotidiana. Também contribui para o não reconhecimento da unicidade, reciprocidade, duplicidade.

Não há como falar de estereótipos sem falar no preconceito, os mesmos são necessários para viver, para conseguir se orientar no mundo. A nossa própria capacidade de agir e reagir depende das informações que nos são transmitidas pelos outros e que precedem a nossa experiência direta. Quando se fala de estereótipos é comum ter o preceito dessa referência exclusivamente aos conhecimentos



que são formados por “preconceitar”, no sentido de causar dano, a determinada pessoa. O problema é que a distinção entre aqueles preconceitos e estereótipos que são meros instrumentos de cognição, e os preconceitos e estereótipos utilizados para discriminar determinadas pessoas supõe um ponto de vista neutro, que não esteja, ele próprio, baseado somente em preconceitos (SANTORO, 2014).

Estudos de Gênero

É importante antes de tudo ressaltar que existe uma grande diferença entre sexo e gênero. Sexo corresponde o aspecto biológico, isso corresponde que homens e mulheres nascem com órgãos genitais correspondentes e que independentemente das escolhas e/ou orientação sexual, o homem é homem e mulher é mulher pelas suas características biológicas. Quanto ao gênero, essa questão corresponde as características sociais empregadas aos copos masculinos e femininos, construídos ao longo da história, como a prevalência de poder de homens sob as mulheres (GOELLNER, 2010).

Para Rubin (1998):

O âmbito da sexualidade (...) tem sua própria política interna, iniquidades e modos de opressão. Como acontece com outros aspectos do comportamento humano, as formas institucionais concretas da sexualidade humana, num espaço e num tempo determinados, são produtos da atividade humana. Elas são repletas de conflitos de interesse e manobra política, tanto de natureza proposital quanto circunstancial. Nesse sentido, sexo é sempre politizado. Há, porém, períodos históricos nos quais a sexualidade é mais contestada e abertamente politizada. Nesses períodos, o domínio da vida erótica é efetivamente renegociado (RUBIN, 1998, p. 100).

Para tanto, se faz necessário essas distinções. Nesse sentido o sexo aborta o ser humano na questão biológica, anatômica o qual



se trata de discutido homem e a mulher sobre a sua sexualidade. Já gênero discute sobre as diferenças atribuídas aos sexos, dessa forma podemos observar que os estudos de gênero busca realizar uma reflexão sobre essas questões de cunho social e cultural na qual aborda o masculino e o feminino na perspectiva social (SANTANA e BENEVETO, 2013).

Durante alguns discursos referentes às diferenças sexuais de homens e mulheres, muito se ouve a menção da palavra gênero. Essa palavra é comumente utilizada para distingue os sexos como masculino e feminino. Mas o que muitos orantes não percebem isso pode ser por falta de conhecimento, que gênero e sexo são dois campos bem distintos, que não devem ser confundidos e nem usados como sinônimos. Cada um possui os seus significados e conceitos (CARLOTO, 2000).

Entretanto, é visto que o sexo é produzido pelo gênero. O gênero é performático e múltiplo, é ação e não identidade ou totalidade, e está associado a outros vetores de distinção como classe, etnia e geração. E finalmente, as diversidades, o que politicamente leva às coalizões por afinidades e não por identidades, de forma a superar as matrizes identitárias totalizadoras (TONELI, 2012).

O termo gênero é bastante amplo, complexo e múltiplo, capaz de ser compreendido em conjunto e interligados um ao outro, assim como também em categoria de análises distintas, podendo ser reconhecido nas construções sociais e culturais dos estereótipos masculino e feminino (BASTOS; ANDRADE, 2016).

Segundo Butler (1990):

O gênero pode também ser designado como o verdadeiro aparato de produção através do qual os sexos são estabelecidos. Assim, o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; o gênero é também o significado discursivo/cultural pelo qual a 'natureza sexuada' ou o 'sexo natural' é produzido e estabelecido como uma forma 'pré-discursiva' anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual a cultura age (BUTLER, 1990, p. 7).



Dessa forma observamos que essas diferenças existentes no ambiente social em relação ao homem e a mulher foram e são construídas ao longo do processo evolutivo social, ou seja, a presença masculina no que se refere a possuidores de poder parte de uma construção cultural, e não uma atribuição já estabelecida como humana/masculino (BRASIL, 2009).

Assim, observamos que o homem não nasce com todas essas características que são impregnadas a ele, ou seja, o homem não nasce já gostando de azul, ou muito menos gostando de brincar de carro, muito menos ele nasce heterossexual. Da mesma forma a mulher, ela não nasce gostando de da cor rosa, nem de bonecas, muito menos nasce com a sua sexualidade definida. Todas essas características atribuídas ao homem e a mulher é construída por uma sociedade. É uma cultura, uma forma de perpetuar o que foi aprendido (BRASIL, 2009).

O gênero como uma questão social trabalha as representações culturais da sociedade em relação ao que é masculino e feminino. A cultura na qual vivemos nos obrigam a participar efetivamente de uma cultura que não há como se optar, ela simplesmente acontece. Essa imposição pode ser claramente observada já quando a criança ainda é um simples feto, quando já se começa a cogitação de nomes, como ele será qual profissão via exercer, qual será o seu time, se vai ser namorador ou não, quais os tipos de garotos e garotas vai escolher para se relacionar e ainda mais, qual será a sua brincadeira preferida. Tudo é uma atribuição social (SANTANA; BENEVETO, 2013).

Além disso, o gênero tem a vantagem de propor uma transformação dos paradigmas do conhecimento tradicional. Entretanto, gênero assinalava o interesse da historiografia em uma história que incluía os discursos dos “oprimidos”, numa análise do sentido e da natureza desta opressão (FILHO, 2005).



Segundo Louro; Felipe; Goellner (2007),

Gênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo. O conceito também acentua que, como nascemos e vivemos em tempos, lugares e circunstâncias específicos, existem muitas e conflitantes formas de definir e viver a feminilidade e a masculinidade.

O estudo relacionado a gênero surgiu a partir de um movimento “movimento sufragista” que a partir dele originou-se o primeiro movimento feminista, que apresentava objetivos sobre os interesses de mulheres brancas de classe média, que defendia o interesse pela igualdade de participação das mulheres na esfera pública (DEVIDE *et al*, 2011).

Segundo Cruz, Palmeira (2009, p.?),

(..) as mulheres têm exercido papéis secundários em relação aos homens, em quaisquer setores da sociedade. Essa dita superioridade masculina foi construída culturalmente a partir das diferentes formas de educar homens e mulheres, o que conferiu competências e habilidades específicas para cada gênero.

Toda essa construção social de características femininas e masculinas, vão aos poucos alicerçando uma cultura de poder. Um poder extremamente hetero- masculino, na qual homens são detentores do poder. O que vai possibilitando uma desigualdade social, o que também possibilita uma discriminação e exclusão social (SANTANA e BENEVETO, 2013).

Isso é bem nítido logo na infância, quando os meninos são induzidos ou até privilegiados a viver uma infância repleta de uma vida livre, no sentido de poder realizar todas as tarefas que lhe competir, atividades que os ensine a serem homens e a exercer a sua masculinidade. As meninas, ao contrário dos meninos, também na infância já iniciam o seu estágio como mulheres, como atribuindo-lhes tarefas de cuidado familiar e a fazeres domésticos (CRUZ; PALMEIRA, 2009).



O campo de estudos de gênero estabeleceu no Brasil no final dos anos 1970, concorda-se ao fortalecimento do movimento feminista no país. A incorporação da perspectiva de gênero por políticas públicas é, no entanto, um tema ainda hoje pouco estudado (FARAH, 2004).

Esportes masculinos e femininos nas aulas de educação física

Percebe-se que o desenvolvimento gradativo da educação sexual no âmbito escolar constitui uma medida relevante para a desconstrução de mitos e preconceitos vigentes na sociedade, na qual visível em tempos modernos como debates frequentes a cerca dessa temática que apesar de ser polemica é essencial ter uma construção de conhecimento base para amenizar o preconceito no âmbito da educação física e do desporto (SOUZA; SANTOS, 2012).

Para Campos *et al.* (2008); Silva, Gomes e Queirós (2006); Matos *et al.*, (2016) a sociedade tem uma ênfase por exclusões por exclusão de gênero em que é compreendido como uma construção social de uma determinada cultura que estabelece a relação entre homens e mulheres, bem como uma categoria sexual socialmente construída como nos asseguram.

No ambiente escolar nota – se que há uma prevalência do que possa ser voltado para o público masculino, outrora feminino. Visto que isso é de caráter cultural, construído em meio as difusões das gerações. Onde o pensamento era fruto da sociedade, e interferiria no processo educacional.

Embora a sociedade afirme que o mundo do esporte configura-se em um espaço de dominação do sexo masculino, não devemos deixar de esclarecer que as mulheres vem também



atualmente conquistando seu espaço. Entretanto, algumas modalidades esportivas ainda continuam resistente relacionado a presença de mulheres (D'AVILA; JÚNIOR, 2009).

Segundo Matos *et al* (2016) a desigualdade de gênero ainda perdura e insiste em permanecer na sociedade pelo motivo de que os símbolos que difere homem e mulheres ainda são ainda entendidas como naturais e não como algo mutável. Exemplo disso é afirmar que mulheres são frágeis e homens são fortes. Essas características não podem ser encaradas como naturais, pelo contrário, um homem também pode ser frágil e a mulher pode ser forte, o que torna um indivíduo forte ou frágeis não é determinado pelo sexo.

Nesse sentido acredita-se que as aulas de educação física devem ser oferecidas a comunidade escolar atividades com acessibilidade igual aos sexos, visto que tais atividades devem favorecer o aprendizado e não uma separação de corpos masculinos e femininos (RODRIGUES, 2012).

Isso pelo fato de que os moldes atuais das aulas de educação física ainda perduram a ideia de que desporto é uma prática comum e mais apropriada a homens e as mulheres que desejam conhecer e/ou aprofundar a um determinado esporte, o deve fazer de acordo com a sua sexualidade, ou seja, praticar o esporte apropriado para as mulheres. Prova disso são as inúmeras meninas que não tem acesso e oportunidade para a prática do futebol/futsal, tal pratica ainda é um esporte culturalmente masculina. Talvez seja por isso que seja tão pequena a presença de mulheres nos times desse desporto. A pouca oportunidade de acesso impossibilita o crescimento desse esporte com o público feminino (SILVA; SILVA, 2015).

O objetivo da educação física escolar não é afirmar a separação dos sexos por meio das práticas esportivas e sim possibilitar o maior acesso ao desporto e todas as manifestações desportivas



aos alunos. E em consequência a esse oferecimento há o aprendizado das habilidades físicas/motoras (BRITO; SANTOS, 2013).

As simples atitudes nas aulas de educação física como a separação de equipes por sexo, colocando sempre um sexo contra o outro traz a tona o simbolismo sexista, e ao mesmo tempo possibilita uma guerra onde um sexo irá desejar se sobrepor ao outro, incentivando assim um conflito de gênero (KUROWSKI, 2014).

Esportes considerados femininos

Assim [...]

Ainda que o esporte seja um fenômeno cuja dimensão social abrange valores culturais de diferentes grupos, a mulher tem uma trajetória de luta para se inserir nessa realidade. Prova disso é que a relevância atribuída ao esporte olímpico mundial é incontestável, mas a participação feminina ainda é um fenômeno social recente. Portanto, a inclusão foi um acontecimento gradual e semelhante ao processo de aceitação da mulher nas demais esferas da sociedade – inclusive nas consideradas áreas “masculinas” do mercado de trabalho. No entanto, a relação entre a mulher e o esporte vai muito além da sua conquista por espaço: quando se trata de representá-la, a mídia se aproxima da valorização do corpo ou de suas emoções em detrimento da técnica esportiva (FIRMINO; VENTURA, 2015).

A participação feminina ultimamente vem crescendo muito no território considerado masculino, com isso tem relevado uma nova dinâmica social caracterizada, especialmente, pela redução das diferenças entre os gênero.

O acesso ao esporte por muitas mulheres ainda é negado e negado pela prática sociedade, visto que rotula características que devem ser executadas por todas as mulheres tais como a participação de práticas esportivas que são comumente femininas. A adesão a qualquer outro esporte que se possui características



com força e rigurosidade põe a sua feminilidade a prova, visto que tais atitudes não fazem parte da sua personalidade feminina (KUROWSKI, 2014).

A busca por identidade social construída pela mulher vem traçando um árduo caminho, no âmbito esportivo não seria diferente, esporte preconizados como femininos, mas eis a questão, o que os definiria como esportes voltados apenas para as mulheres? Leva-se em consideração que isso aborda fatores históricos e culturais da humanidade, esportes como voleibol, nado sincronizado, ginástica (JAEGER, 2006).

A visão antropológica de que a desigualdade imposta no mundo entre homens e mulheres no esporte estende – se até os dias de hoje, em decorrência de um preconceito existente desde os primórdios, os tipos de preconceito existentes podem variar desde a cor da pele, peso, raça, idade, aparência física, religião, sexo e orientação sexual (KESSLER, 2015).

Conforme apontam Figuerôa e Moraes e Silva (2014), as questões referentes ao preconceito contra a mulher são temas muito discutidos em todas as esferas do cotidiano, o que compreendem diversos espaços, são eles: domésticos, profissional, social, intelectual, artístico e esportivo.

Corroborando ainda que durante anos a mulher vem sendo proibida de participar de qualquer atividade esportiva. Os argumentos utilizados para realizar esta exclusão circulavam em torno de sua fragilidade/incapacidade biológica, sua condição materna, possibilidade de masculinização corporal e contestação de sua heterossexualidade (SANT'ANNA, 2010).

Uma investigação acerca da inserção das mulheres no esporte faz-se á refletir sobre ascensão da mesma em outras ramificações sociais, pois nota-se que maioria dos esportes são



práticas culturalmente associadas ao masculino, esta pesquisa fundamenta-se em estudos sobre gênero, para que as pessoas tomem conhecimento de como são tratadas as mulheres atletas em nosso país se comparando aos homens. Para um bom entendimento das pessoas, verificou-se a necessidade de fazer uma passagem pela emancipação da mulher, para que todos entendam a luta das mulheres por igualdade (PEREIRA e CHAVES, 2013).

Para alguns o futebol feminino é um fato novo na sociedade, porém pode – se observar que desde de gerações antigas vem em busca de uma igualdade esportiva, assim como afirma Sant’anna (2010), quem acredita que futebol feminino é novidade, está equivocado. Inglaterra e Escócia foram os personagens da primeira partida de futebol entre mulheres, em 1898, em Londres. No contexto brasileiro, a primeira partida de futebol feminino foi realizada em 1921, em São Paulo, onde se enfrentaram os times das senhoritas catarienses e tremembeenses (KESSLER, 2015).

Assim como também da participação das mulheres nas Olimpíadas, fato marcante que rompeu o pensamento da participação das mulheres em todos os esportes, onde cessa uma ruptura de que mulheres só podiam ser ginastas, jogadoras de voleibol, variações da natação, onde lutas, esportes considerados com uma necessidade de aplicação de força ou técnicas seja elevada demais ao nível feminino, ao menos com justificativas fisiológicas, porém não suficientes (FIGUEIRA E GOELNER, 2009).

Entretanto sabe-se que [...]

[...] a mulher moderna quebra severas restrições impostas por antigos paradigmas e cada vez mais ganha espaço numa sociedade predominantemente calcada de valores masculinos, espaços estes que vem sendo consolidado também pela imagem propagada pela mulher no esporte" (PIERRO, 2007, p.1).



Muitos estudiosos alegam que o preconceito existe pelo fato da sociedade atribuir padrões fixos, que expressam que na sociedade homens tem que ter característica de atividades que almejam força e que as mulheres obterem características delicadas (PEREIRA e CHAVES, 2013).

No Brasil, especificamente, a vigência do decreto-lei nº 3.199/41 (Brasil, 1941) impediu a prática do “futebol feminino” competitivo desde 1941 até o início dos anos 1980. No decorrer desses, as futebolistas brasileiras conseguiram conferir mais visibilidade às suas performances corporais, sem se restringir à forte influência das prescrições médicas relacionadas à sua saúde reprodutiva ou à intervenção das legislações governamentais (GOELLNER, 2005).

Em concordância com essa análise, no âmbito da prática corporal prevaleciam as restrições: tanto é que de 1941 a 1975 vigorava o Decreto-Lei 3.199, que estabelecia as bases da organização dos esportes no Brasil e incluía um artigo que colocava, “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza” (ADELMAN, 2003).

Esportes considerados masculinos

O esporte ainda é um espaço na qual permite a metamorfose de meninos para homens, visto que nas práticas esportivas o próprio esporte exige atitudes e ações tipicamente masculinos e conscientes. Pode ser visto também como um “espaço no qual o indivíduo desenvolve sua independência, sua força física, sua agressividade e a capacidade de disputa, sendo todas características que a sociedade culturalmente atribui aos homens” (BRITO; SANTOS, 2013, p.?).



Além disso, a prática esportiva também passa a ser fundamental e quase que obrigação para os meninos, já que o esporte contribui para a formação da personalidade masculina. Passa a ser também um meio simbólico na qual permite o menino a viver experiências másculas e assim criar a sua identidade como homem (BRITO; SANTOS, 2013).

As aulas de educação física, por vezes oportunizam de forma desigual a participação feminina nas práticas esportivas, a aplicação desse conteúdo favorece muito mais os meninos do que as meninas, visto que atenção pedagógica se volta aqueles mais habilidosos, ou seja, os meninos, o que exclui automaticamente as meninas nesse conteúdo escolar (KUROWSKI, 2014).

Os padrões normativos no esporte imperam não apenas nas questões referentes ao gênero. Os corpos plurais mostram a insuficiência da uniformização de padrões. Trata-se, pois, de pensar os corpos (com suas inscrições, trejeitos e movimentos) como modalidades discursivas, de um corpo que não é apenas biológico, mas também resultado de linguagem e poder na disputa por espaços (CAMARGO e KESSLER, 2017).

Essa padronização social, faz muitos esportes parecerem considerados apenas como do gênero masculino, como futebol, lutas em geral, rubgy, futebol americano, dentre outros que exigem como enfoque força (SANT'ANNA, 2010).

Implementação do esporte para ambos os sexos

Hoje, vê-se em todo contexto social, o tentar se equilibrar com relação aos gênero no sentido em que homens e mulheres tenham o mesmo direito o que de fato leva a eles a terem inclusão nas mais



diversificadas situações e oportunidades. Com isso os professores devem associar toda a comunidade escolar para que haja inclusão dos gênero em suas atividades, mesmo que essas sejam esportivas (BORTTOLIN, 2011).

Há tempos, o esporte tem sido utilizado como principal estratégia pedagógica e modelo a ser seguido por outras instituições de ensino, além disso conquistou a preferência por sua popularidade entre alunos, em consequência desses acontecimentos, o esporte composto por suas modalidades, se tornou uma metodologia comum empregada nas escolas, e o que ser inclusão para uns, pode ser exclusão para outros, devido ao amplo campo das modalidades e suas diversidades no âmbito escolar (SANT'ANNA, 2010).

Ao analisarmos os esportes mais difundidos no Brasil, como futebol, e handebol notamos que todos são coletivos e assim capazes de desenvolver relações afetivas e sócias entre os alunos. Outras características marcantes ao se trabalhar o esporte como meio para aquisição das demais dimensões humanas, e como ele é capaz de desenvolver o cognitivo de seus praticantes tanto masculino como feminino, pois o esporte, independente de qual seja, irá expor seu aluno a tomar decisões ou elaborar estratégias para melhorar sua prática, e o que auxiliara no desenvolvimento desta dimensão (KESSLER, 2015).

O aluno tem como principal aspecto de evolução e entendimento do esporte de acordo com o que teve oportunidade de vivenciar no âmbito escolar, os professores da área escolar em sua grande maioria estão trazendo o esporte para a competição, usando jogos escolares como motivos para poderem usar o esporte nas aulas e assim promoverem futuros atletas, fazendo com que o objetivo pedagógico que frisa que o esporte deve ser tratado como características pedagógicas onde existem regras flexíveis, uma participação coletiva, a inclusão de todos na atividade e bastante levada em evidencia, em ambos dos sexos (ADELMAN, 2003).



Com sua pesquisa de dissertação de mestrado, Altman (1998) observou que em uma escola de turmas mistas, os meninos iam para o futebol, e as meninas, para o voleibol. Quando meninas jogavam futebol, alguns meninos na arquibancada chamavam-nas de “Maria-homem”. A autora também verificou que a professora alterava as regras para aumentar a participação feminina no jogo. Essa alteração quebrava a dinâmica do jogo, e a responsabilidade era imputada às meninas, pois a professora havia mudado as regras por causa delas (KUROWSKI, 2014).

Tais fatos nos provocam a pensar que o “sistema esportivo global”, como apresentado pelos artefatos midiáticos ministram, que não é tão homogêneo como talvez pareça: participam dele também sujeitos que postulam diferenças, que vão de orientações não heterossexuais a formas físicas distintas (ADELMAN, 2003).

Assim ao longo das seções seguintes, sublinhamos como a presença de corpos dissonantes na qual tenciona os limites e fronteiras de padrões instituídos e propõe questões para o sistema esportivo convencional. Gênero é uma das categorias que nos ajudam a problematizar a construção de discursos e a gestão política dos corpos no alto rendimento (BORTTOLIN, 2011).

Entretanto, o corpo é muito mais do que uma construção biológica e social; é produto da cultura, das tecnologias, dentro de uma dimensão linguística. O corpo não está definido a priori e é um território amplo a ser explorado, que a partir de suas performances nos posiciona nos limites das normatividades corporais e de gênero instituídas. Nesse aspecto, gênero não é uma “essência” ou “verdade psicológica” como há muito se pensou, mas uma prática discursiva e corporal performativa por meio da qual o sujeito adquire inteligibilidade social e reconhecimento político.

Assim com o intuito de superar o que vem a ser adequado para homem ou mulher vale salientar que superar a ideia comum



de corpos “frágeis” ou “delicados”, Tamburrini e Tännsjö (2005) sugerem até mesmo a possibilidade de gerar modificações na estrutura genética das jogadoras para transformá-las, isto é, supermulheres que exibiriam corpos, músculos e força adaptados às demandas do mercado esportivo profissional de qualquer esporte (BORTTOLIN, 2011).

A proposta de Tamburrini e Tännsjö (2005) tende mais à abstração do que a um projeto plenamente exequível. A provocação instaurada pelos autores interroga quais os limites possíveis na busca por músculos, altura ou velocidade (atributos considerados masculinos) na potencialização dos corpos de atletas futebolistas. Seriam as bio-mulheres capazes de se submeterem a mudanças que as tornassem esportistas mais poderosas, transformando-se em tecno-mulheres e ocupando um lugar tradicionalmente reservado aos bio-homens (KESSLER, 2015).

Portanto as demonstrações de feminilidades (construções do que é ser mulher) são problemáticas (tanto para uns quanto para outros). Porém, tais expectativas de gênero não resultam em vetos à participação de bio-homens a partir da utilização de mecanismos de verificação de gênero, o que não ocorre com as bio/tecno-mulheres, que são constantemente inquiridas sobre seu status de sexo/gênero. A normalização dos corpos de bio/tecno-mulheres esportistas pode ser percebida no âmbito esportivo (ADELMAN, 2003).

METODOLOGIA

O presente estudo foi ancorado na abordagem qualitativa, visto que é uma pesquisa a qual não se interessa em numerar, mais sim, fazer um levantamento de dados com a intenção de analisar a interação de certas variáveis, compreender processos dinâmicos



vividos por grupos e contribuir no processo de mudança dos mesmos (RICHARDSON, 2010).

A abordagem qualitativa centra-se na identificação das características de situações, eventos e organizações [...] e busca entender “o que as pessoas apreendem ao perceberem o que acontece em seus mundos” (FREITAS; JABBOUR, 2011).

Já para o tipo de pesquisa se utilizou da explicativa, pois ela tem como preocupação principal identificar os fatores que contribuem para as manifestações, esse tipo de pesquisa é o que leva a adentrar na realidade pois explica a razão e o porquê das coisas (GIL, 2002).

A pesquisa foi realizada em uma Escola Estadual que oferta o Ensino Médio. A escola possui o sistema de tempo integral. E está situada na cidade de Pedreiras- MA. A escolha por essa instituição é por possui um grande número de turmas e além disso por possuir apenas o seguimento do Ensino Médio. Além disso também por está nas proximidades da Faculdade de Educação São Francisco – FAESF.

A pesquisa foi realizada com trinta e seis (36) alunos da 1ª e 2ª série do ensino médio de uma escola pública. Os discentes possuíam a idade de 15 à 17 de ambos os sexos. Os pesquisadores percorreram seis (6) salas, sendo três (3) de 1ª série e três de 2ª série. Cada turma visitada possui aproximadamente trinta e seis (36) alunos (Quadro 1).

Assim, após a seleção dos discentes, os pesquisadores explicaram para os alunos os objetivos da pesquisa.

Após a escolha da escola e a autorização da direção, pais e com o consentimento dos discentes, a pesquisa foi dirigida de forma que houve um diálogo e assim fosse oportuno para a coleta de dados. Para tanto, os participantes da pesquisa foram direcionados a biblioteca da escola. Um espaço já preparado previamente



pelos pesquisadores, tendo as cadeiras organizadas em formato de semi-ciclo a fim de oportunizar que todos pudessem visualizar todos que estavam presentes. Além disso, foi organizado um local com Datashow, caixa de som e microfone e a distribuição de celulares *smartphone* pela sala a fim de captar toda a conversa desenvolvida. A pesquisa foi gravada do início ao fim por meio de um telefone celular da marca *Samsung J5 metal*, utilizando deste a ferramenta de gravação de áudio.

Antes mesmo da realização do desenvolvimento do roteiro de entrevista, foi organizado um momento de conhecimento sobre gênero. Para tanto, um dos pesquisadores elaborou uma apresentação em *powerpoint* tratando da temática em questão. Após essa exposição, deu-se início o seguimento do roteiro de entrevista.

Para a coleta de dados foi utilizada a entrevista semi-estruturada, pois acredita-se que esse instrumento permite o entrevistador um bom conhecimento das questões, caracterizando pela elaboração de algumas perguntas previamente elaboradas.

Após a realização da entrevista, esta foi transcrita na íntegra e organizadas em categorias para assim melhor possibilitar que leitores conseguissem visualizar os principais achados descritos nesta pesquisa.

E a análise de dados foi desenvolvida através da análise de conteúdo, utilizando-se da categorização para melhor demonstração dos dados obtidos.

Para o início da pesquisa se utilizou o termo de consentimento livre e esclarecido, além disso a pesquisa foi submetida ao comitê interno de pesquisa- CIEP da Faculdade de Educação São Francisco- FAESF.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi conduzida inicialmente com a pergunta sobre como a educação física da escola é organizada. E diante dessa abertura para o diálogo os questionamentos embasados pela literatura corrente a respeito de gênero nas aulas de educação física foi transcorrendo.

A participação de todos foi registrada por meio do áudio, mas as falas mais utilizadas foram somente de alguns participantes, visto que as respostas possuíam características vagas e não muito argumentativa. As mesmas encontram-se armazenada no *google drive*⁶ dedicada ao arquivamento de todos os documentos relacionados ao TCC.

Quadro 1.0 Caracterização da amostra

TURMAS	SEXO		QUANTIDADE
	Masculino	Feminino	
1ª Série A	03	03	06
1ª Série B	03	03	06
1ª Série C	03	03	06
2ª Série A	03	03	06
2ª Série B	03	03	06
2ª Série C	03	03	06
TOTAL	18	18	36

Fonte: Própria dos autores

Toda a entrevista foi organizada em duas categorias como: Categoria 1: Características das aulas de Educação Física; Categoria 2: questões de gênero nas aulas de educação física e nos esportes.

A primeira categoria a ser discutida aqui é sobre as características das aulas de Educação Física.

Na escola pesquisada evidenciou-se que a disciplina de educação física não possui horários definidos. As aulas são ministradas na modalidade teórica apenas quando há possibilidades

6. *Google Drive* é um serviço de armazenamento e sincronização de arquivos.



apresentadas pela direção como quando professores do dia faltam na escola.

Tal fato pode ser observada na fala dos estudantes. Estes dizem:

“**Não temos** [aulas de Educação Física]. Ano passado a gente tinha mais a professora só dava aula na sala e era só teórica” (Aluna 01) [grifo nosso].

“Até agora, só foi um professor lá na sala, e **quando falta algum professor substitui por educação física**, mais para falar a verdade nunca teve aula do professor explicando quais os conceitos da educação física” (Aluno 01) [grifo nosso].

Este contexto escolar encontrado na pesquisa evidencia que aquilo que reza a LDB não está sendo cumprida. A referida Lei afirma que todos os seguimentos escolares precisam oferecer regulamente aulas de Educação física.

E esse retrato evidenciado na cidade de Pedreiras vai em desconformidade com o encontrado por Tenório; Tassitano; Lima (2012). Estes autores pesquisaram em 103 escolas públicas estaduais de Recife e demonstraram que nas escolas pesquisadas há aulas de educação física de forma regular oferecida aos alunos como as demais disciplinas.

Dias e Junior (2015) pesquisaram em uma escola da zona rural de Minas Gerais e demonstram que nesta há aulas de educação física, mesmo sendo apenas uma aula semanal para cada turma. Siqueira; Krüger (2012) apontam que na escola estadual da cidade de Júlio de Castilhos (RS) há aulas de educação física regulamente.

Todas essas evidências deixam claro que as aulas de educação física precisam estar inseridas no cotidiano escolar e serem ofertadas semanalmente como as demais disciplinas.

Isso porque a disciplina aqui em questão é uma das mais desejadas pelo alunado. Brandolin, Koslinski, Soares (2015)



afirmam que a maioria dos alunos entrevistados em sua pesquisa, elegem a educação física como a disciplina que mais possuem satisfação em participar. Talvez essa satisfação seja pelo fato de que a referida disciplina oportuniza momentos prazerosos e além disso o conagraamento.

Mas, mesmo os alunos afirmando que na escola não há aulas de Educação Física ao mesmo tempo eles afirmam que possuem no contra turno atividades esportivas. Podemos perceber que os alunos conseguem fazer essas distinções de aulas de educação física (como há nos relatos acima) com a prática esportiva.

Abaixo os alunos expõem da seguinte forma:

“(...) o que acontece e que só jogamos bola no ginásio, vai uma professora e lá ela pergunta quem quer jogar, quem estuda de manhã vai à tarde e quem estuda a tarde vai pela manhã ou joga bola ou brinca de queimado (Aluno 02)”.

“O que tem é só treinos para o Jep's” (Aluno 03).

Coledam *et al* (2014) realizaram uma pesquisa com 827 jovens da cidade de Londrina Paraná na qual evidenciaram que a pratica esportiva nas aulas de educação física se faz comum. E que todas as aulas eram realizadas na quadra, caracterizando assim um retrato esportista nas aulas.

Luguetti *et al* (2015) realizaram uma pesquisa nas escolas estaduais, municipais e particulares do ensino fundamental da cidade de Santos São Paulo, evidenciaram também a representatividade do desporto nas aulas de educação. É tão tal que em um dado momento, os professores de educação física são denominados professores/treinadores dando assim conotação de treinamento desportivo.

Severino e Magalhães (2013) no estudo que trazia a realidade pedagógica da Educação Física Escolar com o desenvolvimento de



modalidades esportivas também evidencia a presença do desporto nas aulas de educação física.

Já Teixeira (2003) evidencia especificamente a prática do futsal como um conteúdo trabalho na formatação de treinamento desportivo nas aulas de educação física com alunos do ensino fundamental.

E já Bôas, Fontanella, Pereira (2000) demonstram em seu estudo que a prática esportiva podem tanto está inseridos nas práticas cotidianas das aulas de educação física escolar quanto prática a ser desenvolvida em um espaço extra classe.

E Rodrigues; Darido (2008) ressaltam que há muita confusão no que tange no oferecimento do esporte dentro do ambiente escolar. Esses estudiosos apontam que muitas das vezes nas aulas escolares há uma utilização exacerbada do ensino da técnica. E o objetivo da educação física escolar foge desta estrutura tão comum nas terras brasileiras.

Bassani; Torri; Vaz (2003) apontam também que em uma grande escola pública de Florianópolis foram observadas que nas aulas de educação física há uma prevalência do esporte como conteúdo principal das aulas.

A discussão envolta desse assunto se faz necessária pois nos achados na pesquisa demonstram uma presença maciça das práticas desportivas com o fim no treinamento desportivo, que aos olhos pedagógicos fogem das propostas educativas, o que resulta em exclusão e seleção dos mais fortes e aptos ao desporto praticado.

E essa exclusão não precisa ser dos mais ou menos habilidosos no que corresponde aos esportes, mas até a exclusão dos sexos nas aulas de educação física que demonstram os esportes como conteúdo.

Na segunda categoria trataremos dos esportes classificados como femininos e masculinos na percepção dos alunos do ensino médio.



Foi perguntado a todos os presentes quais os esportes eles classificariam como masculinos e com femininos. As respostas foram adversas, na qual uns nomearam e outros afirmaram a não necessidade de haver separações de sexos nas práticas esportivas. Como descrevemos abaixo:

[Esportes] feminino: Queimado e handebol. E masculino: Basquete, badminton e futebol.

(...) mais acho que **não deveria existir gênero** no esporte as meninas podem jogar tudo (Aluna 02) [grifo nosso].

A opinião da aluna acima descrito evidencia o que ainda são poucas as pessoas que pensam dessa forma, que ainda não despertaram para descobrir que o que é significativa no esporte não é o sexo que está praticando e sim o que ele está oportunizando na vida de quem pratica.

São muitos os preconceitos existentes no ambiente esportivo, na qual nos desafiamos a classificar quais podem ser praticados por homens e quais podem ser praticados pelas mulheres, esquecendo que para as práticas esportivas não há sexo e muito menos distinções de gênero.

Muitos já foram os estereótipos quebrados, mas muitos ainda perduram, graças a disseminação de uma cultura machista e sexista (FARIAS; COELHO; CARDOSO, ??????).

E tratar disso é tão importante que muitas são as mulheres que já começaram a se manifestar contrariamente a essas concepções machistas, prova disso é a aluna 3 questionando essa diferenciação de sexos dentro do esporte, pois assim como os meninos possuem oportunidades para a prática do esporte, as mulheres também podem. Como ela mesmo diz:

“Não deveriam diferenciar tipo de esporte, as vezes os meninos falam: ah para quem menina jogar futebol, mais no Jep’s temos o futebol feminino” (Aluna 03) [grifo nosso].



E em meio a tudo isso, o homem ainda encontra meios de sempre se justificar homem para não ser discriminado diante de práticas tidas como femininas. Como é o caso do aluno 4. Ele afirma que quando se realiza a prática do queimado, poderá ser interpretado como homossexual, da mesma forma a mulher, como descreve abaixo.

“(...) se as meninas tiverem jogando queimado aqui eu sou homem, se eu entrar no jogo de queimado já vão me ver como gay [**Mas porquê?**] Porque se trata de **um esporte feminino**, mais eu sou homem e se caso eu for entrar no **jogo de queimado** vão me chamar de gay. Se uma mulher entrar no futebol no meio dos homens ela vai ser uma lésbica (Aluno 4) [grifo nosso].

Brilhante *et al* (2015) afirmam que a cultura heterossexual impõe a cultura da autoafirmação, ou seja, sempre será necessário justificar quando homens e mulheres estão desempenhando atividades tipos como contrários aos papéis atribuídos a homens e mulheres.

CONCLUSÃO

Na escola pesquisada há sim ainda separações de homens e mulheres para as práticas desportivas. Sejam elas voltadas ao treinamento para a competição seja por momentos de divertimento. E essa separação de corpo possibilita ainda a hegemonia máscula dentro dos espaços esportivos.

E quando tratado sobre as práticas esportivas na qual meninos e meninas façam juntos, muitas foram as contra-argumentações, na qual muitos meninos ainda possuem a ideia de que as meninas são pertencentes ao sexo frágil e assim, deve participar de atividades próprias para a sua sexualidade.

Por mais que as meninas tenham se manifestado contrárias as diversas opiniões machistas durante a entrevista, elas ainda são



minorias nas práticas esportivas escolares. A presença feminina no esporte da escola é quase inexistente, na qual ocasiona a inserção das meninas nos jogos dos meninos, o que ao mesmo tempo modifica o tipo de jogar.

É bastante comum manifestações ocorrerem nas práticas de atividade física quanto a performance das meninas, por serem sempre vistas como fracas e sensíveis, e os meninos com um certo biótipo de ser mais forte, habilidoso nas práticas esportivas, no entanto muitas vezes não sendo tolerantes com elas. Pois na maioria dos casos são vistas ainda como torcedoras.

Atualmente nessa situação tem ocorrido mudanças, elas já conseguiram um certo espaço no meio esportivo. Mas ainda assim a mulher é vista na sociedade e no ambiente escolar como um ser não eficiente, que não tem força e nem habilidade. E que apesar de atleta, a ideia é que a mulher seja “bela, feminina e maternal”.

Dessa forma, é importante que não só a escola pesquisada, mas que todas as escolas do Brasil se atentem para políticas que atendam a participação de meninas e de homossexuais nos esportes. E que mais ainda, os profissionais de Educação Física entendam de que os esportes são para todos, independentemente de sexo ou gênero.

É importante deixar evidente que a pesquisa nos fez perceber que pode estar havendo na escola pesquisada uma certa negligência quanto as aulas de educação física, pois os alunos apontam que não há aulas de educação física da mesma forma que as demais disciplinas. E isso é caracterizado como grave, pois todos os educandos têm o direito a todas as disciplinas garantidas por lei.



REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. (2003) Mulheres Atletas: re-significações da corporalidade feminina. *Revista Estudos Feministas*.11(2), 360-366.
- BASSANI, Jaison José; TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambiguidades. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 89-112, maio/agosto de 2003
- BASTOS, Felipe; ANDRADE, Marcelo. "SER MULHER NÃO TEM A VER COM DOIS CROMOSSOMOS X": IMPACTOS DA PERSPECTIVA FEMINISTA DE GÊNERO NO ENSINO DE CIÊNCIAS. *Rev. Diversidade e Educação*, v.4, n.8, p. 56-64, jul./dez. 2016.
- BÔAS, Marcelo da Silva Villas; FONTANELLA, Francisco Cock; PEREIRA, Vanildo Rodrigues. AS FACES DO ESPORTE E A EDUCAÇÃO FÍSICA. *Revista da Educação Física/UEM* Maringá, v.11, n.1, p.87-96, 2000.
- BORTTOLIN, Anilse Maria Pícollo. "FUTEBOL TAMBÉM É COISA DE MENINA": UM ESTUDO SOBRE O GÊNERO FEMININO NA ESCOLA. *Revista Univap, São José dos Campos-SP*, v. 17, n. 30, dez.2011.
- BRANDOLIN, Fábio; KOSLINSKI, Mariane Campelo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO. *Rev. Educ. Fís/UEM*, v. 26, n. 4, p. 601-610, 4. trim. 2015
- BRASIL. *Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais*. Livro de conteúdo. versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.
- BRILHANTE, Aline Veras Morais Brilhante; MOREIRA, Gracyelle Alves Remigio; VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza; SILVA, Raimunda Magalhães da; CATRIB, Ana Maria Fontenelle. O "MACHO NORDESTINO" EM FORMAÇÃO: SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO ENTRE ADOLESCENTES. *Rev Bras Promoç Saúde*, Fortaleza, 28(4): 471-478, out./dez., 2015
- BRITO, Leandro Teófilo; SANTOS, MÔNICA, Pereira dos. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. *Rev. bras. educ. fís. esporte* vol.27 no.2 São Paulo abr./jun. 2013
- BUTLER, Judith. *Gender trouble*. Feminism and the subversion of identity. New York: Routledge, 1990.
- CAMARGO, Wagner Xavier. KESSLER, Cláudia Samuel. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 191-225, jan./abr. 2017



CAMPOS, A. F. et al. A questão de gênero nas aulas de Educação Física. *Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*, Santo André, v. 3, n. 3, p. 79-88, set. 2008.

CARLOTO, C.M. O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais. *Serviço Social em Revista*, v.3, n.2, 2000.

COLEDAM, Diogo Henrique Constantino; FERRAIOL, Philippe Fanelli; JUNIOR, Raymundo Pires; SANTOS, Júlio Wilson dos; OLIVEIRA, Arli Ramos de. Prática esportiva e participação nas aulas de educação física: fatores associados em estudantes de Londrina, Paraná, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 30(3):533-545, mar, 2014.

CRUZ, Marlon Messias Santana; PALMEIRA, Fernanda Caroline Cerqueira. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. *Motriz*, Rio Claro, v.15 n.1 p.116-131, jan./mar. 2009

D'ÁVILA, Lúvia Bonafé'; JÚNIOR, Osmar Moreira de Souza. Futebol feminino e sexualidade. *Revista das Faculdades Integradas Claretianas - N°2* – janeiro/dezembro de 2009.

DEVIDE, Fabiano Pries; OSBORNE, Renata; SILVA, Elza Rosa; FERREIRA, Renato Callado; CLAIR, Emerson Saint; NERY; Luiz Carlos Pessoa. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. *Motriz*, Rio Claro, v.17 n.1 p.93-103, jan./mar. 2011.

DIAS, Ademir Goulart; JÚNIOR, Cláudio Luiz Neves. A realidade das aulas de Educação Física de uma escola da zona rural no interior de Minas Gerais. *Evidência*, Araxá, v. 11, n. 11, p. 81-100, 2015.

FARAH, Marta Ferreira Santos. Gênero e políticas públicas. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 12(1): 360, janeiro-abril/2004.

FARIAS, Ana Carla da Rocha Farias; COELHO, Nivalda Pereira; CARDOSO, Berta Leni Costa. Questões de gênero no esporte: Uma luta fora das quadras. *RPCD* 17 (S5.A).

FIGUEIRA, Márcia Luiza; GOELLNER, Silvana. Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção. *Revista Brasileira de Ciência e Esporte*, Campinas, v. 30, n. 3, p. 95-110, maio 2009.

FIGUERÔA, K. M.; MORAES E SILVA, M. Impressões femininas sobre a presença da mulher na capoeira. *Revista da Associação Latino-americana de Estudos Sócio-culturais do Esporte*, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 16-31, 2014.

FILHO, Amílcar Torrão. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *cadernos pagu* (24), janeiro-junho de 2005, pp.127-152.



FIRMINO, Carolina Bortoleto; VENTURA, Mauro de Souza. “Sou atleta, sou mulher”: a representação feminina e as modalidades mais noticiadas nas Olimpíadas de Londres 2012. In: *X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã UNESP | FAAC | Bauru-SP* | 22-24 de abril de 2015.

FLEURI, Reinaldo Matias. POLÍTICAS DA DIFERENÇA: PARA ALÉM DOS ESTEREÓTIPOS NA PRÁTICA EDUCACIONAL. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 27, n. 95, p. 495-520, maio/ago. 2006.

FREITAS, Wesley R. S.; JABBOUR, Charbel J. C. Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. *ESTUDO & DEBATE*, Lajeado, v. 18, n. 2, p. 07-22, 2011.

FURLAN, Cássia Cristina; SANTOS, Patrícia Lessa dos. Além das aparências: gênero e corpo no cotidiano da educação física escolar. In: *Fazendo Gênero 9: Diásporas, diversidades, deslocamentos*, 2010, Florianópolis. *Fazendo Gênero 9: Diásporas, diversidades, deslocamentos*, 2010.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143- 51, abr./jun. 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da 1diversidade. *Cadernos de Formação RBCE*, p. 71-83, mar. 2010.

HAERTEL, Bianca. A temática do gênero nas aulas de educação física do ensino médio: pesquisa e intervenção em escolas da cidade de São Carlos. In: *III Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: o lazer em uma perspectiva latino-americana*, 2007, São Carlos. *Anais...* São Carlos: SPQMH - DEFMH/UFSCar, 2007, p.99-115.

JAEGER, Angelita Alice. Gênero, Mulheres e Esporte. *Movimento*. Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 199-210, janeiro/abril de 2006.

KESSLER, C. S. Mais que barbies e ogras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015

KUROWSKI, Ivete Marina. Educação Física Escolar: A Superação dos Estereótipos de Gênero na Prática de Esportes. Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3 *Cadernos PDE*. Paraná-2014.



LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: Um debate contemporâneo na educação*. 3. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LUGUETTI, Carla Nascimento; BASTOS, Flávia da Cunha; BOHME, Maria Tereza Silveira. Gestão de práticas esportivas escolares no ensino fundamental no município de Santos. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v.25, n.2, p.237-49, abr./jun. 2011

LUGUETTI, Carla Nascimento; FERRAZ, Osvaldo Luiz; NUNOMURA, Myrian; HÖHME, Maria Tereza Silveira. O planejamento das práticas esportivas escolares no ensino fundamental na cidade de Santos. *Rev Bras Ciênc Esporte*. 2015;37(4):314---322

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi; NAVARRO, Carolina; MAIA, Ari Fernando. Relações entre gênero e escola no discurso de professoras do ensino fundamental. *Psic. da Ed.*, São Paulo, 32, 1º sem. de 2011, pp. 25-46.

MARTINS, Rosa Maria Lopes; RODRIGUES, Maria de Lourdes Martins. ESTEREÓTIPOS SOBRE IDOSOS: UMA REPRESENTAÇÃO SOCIAL GERONTOFÓBICA. *educação, ciência e tecnologia*. v.?, n.?, ?.

MATOS, Naiara da Rocha; BRASILEIRO, Geisa Silva; ROCHA, Rodolfo Teixeira; NETO, Jorge Lopes Cavalcante. DISCUSSÃO DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: uma revisão sistemática. *Motrivivência* v. 28, n. 47, p. 261-277, maio/2016

MONTEIRO, Marcos Vinicius Pereira. A construção identitária nas aulas de educação física. *Revista Brasileira de Educação* v. 22 n. 69 abr.-jun. 2017.

PEREIRA, Francine Moraes. CHAVES, Priscila Monteiro. As mulheres e o esporte: uma investigação acerca do gênero. *EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, Nº 176, Enero de 2013.*

PIERRO, Carla Di. Mulher e esporte: uma perspectiva de compreensão dos desafios do Ironman. *Rev. bras. psicol. esporte* v.1 n.1 São Paulo dez. 2007.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

RIOS, Fabíola Teixeira Araujo; MOREIRA, Wagner Wey. O CORPO NA ESCOLA: QUAL O SEU PAPEL?. *Rev. Triang.* v. 9, n. 2: 225-237, jul./dez. 2016

RODRIGUES, Aldair Araujo. O esporte na educação física escolar: realidade e perspectivas em paraíso do Tocantins-TO. *PROGRAMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA*. Universidade de Brasília: 2012.



RODRIGUES, Heitor de Andrade; DARIDO, Suraya Cristina. A Técnica Esportiva em Aulas de Educação Física: um olhar sobre as tendências sócio-culturais. *Movimento*, Porto Alegre, v. 14, n. 02, p. 137-154, maio/agosto de 2008.

RUBIN, Gayle. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: NARDI, Peter M. & SCHNEIDER, Beth E (Eds.). *Social perspectives in lesbian and gay studies*. London: Routledge, 1998.

SANT'ANNA, C.J.B.de. *Futebol Feminino*. 2010. Disponível em: <<http://www.clerioborges.com.br/ffeminino.html>>. Acesso em: 08 de novembro 2018.

SANTANA, Vagner Caminhas; BENEVETO, Claudia Toffano. O conceito de gênero e suas representações sociais. *EFDesportes.com*, revista digital. Buenos Aires, a.17, n.176, 2013. Disponível em: <http://www.efdesportes.com/efd176/o-conceito-de-genero-e-suas-representacoes-sociais.htm>> Acessado em: 04 outubro. 2015.

SANTORO, Emilio. Estereótipos, preconceitos e políticas migratórias. *Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito (RECHTD)*, 6(1):15-30. 6(1): 15-30 janeiro-junho 2014.

SEVERINO, Cláudio Delunardo; MAGALHÃES, Paulo Celso. Um olhar sobre a relação entre a Educação Física Escolar e o desenvolvimento de desportos individuais. *Cadernos UniFOA* Edição nº 23 -Dezembro/2013.

SILVA, Kelli da; OLIVEIRA, Nathalia Nogueira de; SILVA, José Ricardo; SANTOS, Larissa Aparecida Trindade dos. GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: TENSÕES E IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS. *Colloq Vitae* 2015 jan-abr; 7(1):53-59. DOI: 10.5747/cv.2015.v07.n1.v125.

SILVA, P.; GOMES, P. B.; QUEIRÓS, P. Educação Física, Desporto e Género: o caminho percorrido na Faculdade 276 de Desporto da Universidade do Porto (Portugal). *Movimento*, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 31-58, jan./abr. 2006.

SIQUEIRA, Caroline Dalla Nora; KRUGER, Leonardo Germano. A Educação Física escolar no ensino médio nas escolas de Júlio de Castilhos, RS: a opinião do aluno. *EFDeportes.com*, Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, Nº 171, Agosto de 2012.

SOUZA, Elaine; SANTOS, Claudiene. Educação sexual na escola: desconstruindo mitos e preconceitos acerca da sexualidade, gênero e diversidade sexual. In: *VI Colóquio Internacional "Educação e contemporaneidade"* São Cristovão, Sergipe. 2012.



TAMBURRINI, C. M.; TÄNNSJÖ, T. Las bioamazonas del fútbol. In: TORRES, C. R.; CAMPOS, D. G. (Comp.). ¿La pelota no dobla?: ensayos filosóficos en torno al fútbol. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2005. p. 187- 210.

TEIXEIRA, Dourivaldo. O DESPORTO ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA DE TREINOS E DE JOGOS DE FUTSAL. *R. da Educação Física/UEM* Maringá, v. 14, n. 2, p. 73-84, 2. sem. 2003

TENÓRIO, Maria Cecília Marinho; TASSITANO, Rafael Miranda; LIMA, Marília de Carvalho. conhecendo o ambiente escolar para as aulas de educação física: existe diferença entre as escolas?. *Rev Bras Ativ Fis e Saúde* • Pelotas/RS • 17(4):307-313 • Ago/2012

TONELI, MJF. Sexualidade, gênero e gerações: continuando o debate. In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. Diálogos em psicologia social [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 147-167. ISBN: 978-85-7982-060-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

TRINDADE, Antonio. Estereótipos, Preconceito e Discriminação. Instituto Educativo de Juncal, 2010. Disponível em: << <https://www.estudaetal.com/thebox/theboxficheiros/44125bf08cf49f04b7f58227d0d5ec7e3d78>>>. Acesso: 04/10/2017.

VENTURINI, Gabriela Rezende de Oliveira; GUERRA, Victor Hunfnagel; RODRIGUES, Bernardo Minelli; MATOS, Dihogo Gama de; ZANELLA, André Luiz; JÚNIOR, Ricardo Luiz Pace; FILHO, Mauro Lúcio Mazini. Gênero e Educação Física Escolar. *Revista Digital*. Buenos Aires. Año 15. Nº147. Agosto de 2010.

VIANNA, C.; UNBEHAUM, S. O gênero nas políticas públicas de educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 121, p. 77-104, 2004^a



SOBRE O ORGANIZADOR

Francisco Eric Vale de Sousa

Licenciado em Educação Física pela Faculdade de Educação São Francisco – FAESF. Mestre em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília – UCB como bolsista CAPES/PROSUP. Doutorando em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle. É docente e Coordenador do Curso de Licenciatura em Educação Física e Coordenador de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão da Faculdade de Educação São Francisco – FAESF. Professor Substituto do Instituto Federal do Maranhão – IFMA *Campus* Presidente Dutra.

E-mail: ericvale1@hotmail.com



SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

CAPÍTULO 1

Maria Ysadora Lopes da Silva

Graduanda em Educação Física pela Faculdade de Educação São Francisco – FAESF

E-mail: myls@faesf.com.br

Giérisson Brenno Borges Lima

Licenciado em Educação Física pela Faculdade de Educação São Francisco – FAESF

E-mail: gbrennooficial1@gmail.com

Ernani Eugênio dos Santos Neto

Licenciado em Educação Física pela Faculdade de Educação São Francisco – FAESF

Pós-graduação Lato Sensu em Fisiologia do Exercício e Treinamento Personalizado pelo Centro Universitário Santo Agostinho – UniFSA

Professor do Curso de Licenciatura em Educação Física e Coordenador do Projeto de Extensão Escolinha de ginástica da Faculdade de Educação São Francisco – FAESF

E-mail: eesm.edf@gmail.com

CAPÍTULO 2

Francisca Milena de Brito Santos

Licenciada em Educação Física pela Faculdade de Educação São Francisco – FAESF.

E-mail: milabrito369@gmail.com



Geciane Eufrazio Cardoso

Licenciada em Educação Física pela Faculdade de Educação São Francisco – FAESF

E-mail: gecianecardoso1309@gmail.com

CAPÍTULO 3

Danrlei Teixeira Rodrigues da Cruz

Licenciado em Educação Física pela Faculdade de Educação São Francisco – FAESF

E-mail: danrleiteixeira2018@hotmail.com

Lucas Freitas Brito

Licenciado em Educação Física pela Faculdade de Educação São Francisco – FAESF

E-mail: edflucasbrito@gmail.com



WWW.PIMENTACULTURAL.COM



reflexões sobre
**QUESTÕES
DE GÊNERO**

nas aulas
de educação
física
escolar